

6. A contemplação da Humanidade de Cristo na espiritualidade de santa Teresa de Jesus

No sexto capítulo de nossa pesquisa, daremos ênfase à Sagrada Humanidade de Cristo na espiritualidade teresiana. Optamos por não aprofundar a temática espiritual do século XVI, mas centrarmos nossa atenção na novidade apresentada por santa Teresa, ou seja, a importância da meditação e contemplação da Humanidade de Cristo em todos os graus da oração cristã.

Inicialmente apresentaremos os fundamentos cristológicos da doutrina teresiana, passando então a refletir sobre a centralidade de Cristo em toda a sua oração. Seguindo alguns especialistas que tratam da Humanidade de Cristo em Teresa, enfatizaremos o percurso de oração apresentado por nossa doutora em *Castelo Interior ou Moradas*. Escolhemos essa obra por tratar-se dos escritos de sua maturidade espiritual.

Por fim, compreendendo que todo o caminho deve ser feito com o objetivo de uma transformação do orante em Cristo, veremos, alicerçados nas obras teresianas, como isso se dá concretamente no cotidiano da vida, através da caridade.

6.1. A cristologia teresiana

6.1.1. O processo de conversão de santa Teresa de Jesus

Nos escritos Evangélicos, Jesus Cristo é apresentado como o centro, o interesse primordial: seu mistério, suas ações e reações, sua palavra, sua interioridade, sua consciência, seus sentimentos, a glória de sua ressurreição, o mistério de sua divindade, o impacto que produz na vida dos que estão à sua volta e como a relação com Ele vai modelando e maturando a vida das pessoas. Vemos, por exemplo, em Paulo, que é necessário encontrar-se com Jesus no caminho de Damasco, mergulhar em seu mistério, anunciá-Lo e viver nele. Enfim, é impossível ser cristão sem viver pessoalmente essa relação com Jesus Cristo. Como Paulo e tantos outros, santa Teresa viveu mergulhada em Cristo, deixou-se

transformar nele e assumiu para si o seu destino.¹ Os escritos teresianos giram em torno da pessoa e da obra de Jesus Cristo. A vida espiritual de Teresa é fundamentalmente experiência de Cristo. De acordo com S. Castro, trata-se de uma cristologia existencial, pautada em sua vida de oração e apostolado. O objetivo de Teresa é apresentar a figura de Cristo, convidando seus leitores à conversão, a abrir o espírito ao divino, a tomar uma decisão de vida. Temos aqui uma cristologia vivencial mais que ideológica, mais existencial que ontológica, mais da práxis que do pensamento.²

O encontro de santa Teresa com Cristo aconteceu ao longo de um extenso processo de conversão. Segundo T. Alvarez³, o *Livro da Vida*, de alguma maneira é a história de sua conversão. Quando o redige, com seus cinquenta anos, tem a consciência de ser uma grande pecadora convertida, tratando-se de conversão tardia e repetida:

[...] fui tão ruim que não encontro santo dentre os que voltaram para Deus com quem me consolar. Porque considero que depois de o Senhor os ter chamado, não O tornavam a ofender. Eu não só voltava a ser pior, como parecia estudar a maneira de resistir às mercês que Sua Majestade me concedia, como quem se visse obrigado a servir mais e percebesse não ser capaz de pagar parte mínima do que devia.⁴

Alguns aspectos do processo de conversão de santa Teresa ainda são discutidos. Por exemplo, muitos teresianistas não estão de acordo em determinar quantas conversões aconteceram na vida de nossa santa doutora⁵, no entanto, no geral se fala de três conversões, e será com essa perspectiva que trabalharemos em nossa pesquisa. A primeira conversão⁶ diz respeito ao processo de Teresa diante do chamado de Deus à vida monástica. Boas conversas, boas companhias, bons livros, e a Palavra de Deus, para enfim afirmar: “Apesar de a minha vontade de ser monja não ser absoluta, percebi ser essa a condição melhor e mais segura; e,

¹ Cf. ALVAREZ, T., Jesucristo en Teresa de Jesús, p. 271.

² Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 293-294.

³ Cf. ALVAREZ, T., Conversione, p. 170-171.

⁴ SANTA TERESA, Livro da Vida, Prólogo, 1.

⁵ A esse respeito podemos consultar: EFRÉN, J. M. M. Santa Teresa por dentro. Madrid, 1973; MARTÍN DEL BLANCO, M. Los fenómenos extraordinários em la mística de santa Teresa de Jesús. In: *Teresianum*, 33, 1982, p. 365, nota 4; BORRIELLO, L. Temi maggiori di spiritualità teresiana. Napoli, 1982. p. 28; HERRÁIZ GARCÍA, M. Introducción al libro de la Vida de santa Teresa. Castellón, 1982. p. 26; MAROTO, D. P. Dinámica de la oración: acercamiento del orante moderno a santa Teresa de Jesús. Madrid, 1973, p. 39, nota 14.

⁶ Cf. SANTA TERESA, op. cit., 3.

assim, aos poucos, decidi forçar-me a abraçá-la”.⁷ A segunda conversão deu-se quando, por orientação de Padre Vicente Barrón, decide retomar o caminho de oração, não mais o deixando: “Bem sei que deixar a oração já não estava em minhas mãos, porque Aquele que me queria para me conceder maiores graças me sustentava com as Suas”.⁸ E por fim, a terceira conversão, que acontece diante da imagem do Cristo Chagado no ano de 1554, quando começa a ler as Confissões de Santo Agostinho.⁹ Para S. Castro a primeira conversão é a conversão à graça, a segunda à oração e a terceira à perfeição.¹⁰

Salvador Ros, nos dirá que a narração dramática do capítulo nove do *Livro da Vida*, mesmo que muitos não considerem a conversão definitiva de santa Teresa, é apresentada intencionalmente como uma verdadeira conversão, a mais radical e a que nutre todas as demais. Um fato extraordinário que trouxe “um antes e um depois” na vida de nossa santa: “[...] a partir de então fui melhorando muito”¹¹, “daqui por diante, é um novo livro, isto é, uma vida nova”¹². Essa experiência converteu-se na base fundante de todo o seu sistema místico cristocêntrico.¹³

T. Alvarez, tratando desse processo de conversão de santa Teresa narra que, anos mais tarde, após conhecer o relato da conversão de Santo Agostinho e, sequencialmente, deparar-se com a imagem do Cristo Chagado¹⁴, nossa santa teve um encontro decisivo, que ela própria relata¹⁵. Conta-nos que no dia de São Pedro, Jesus Cristo emerge do fundo de sua vida e se faz presença pessoal a seu lado como Senhor, como Amigo, como Esposo, como Cristo vivo, como testemunho permanente, com toda a força das experiências proféticas da Bíblia e com toda a eficácia transformadora que caracteriza as experiências cristológicas dos grandes místicos na história da Igreja.¹⁶

A experiência cristológica de Teresa tem vertente ascética e mística, sendo a segunda mais rica que a primeira pelas experiências que lhe oferece Jesus Cristo.

⁷ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 3,5.

⁸ *Ibid.*, 7,17.

⁹ Cf. *Ibid.*, 9,1-3.7.

¹⁰ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 42.

¹¹ SANTA TERESA, *op. cit.*, 9,3.

¹² *Ibid.*, 23,1.

¹³ Cf. ROS, S., *La conversión de santa Teresa: lectura de una experiencia fundante (450 años)*, p. 367-368.

¹⁴ Cf. SANTA TERESA, *op. cit.*, 9,1-3.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, 27 e 28.

¹⁶ Cf. ALVAREZ, T., *Jesucristo en Teresa de Jesús*, p. 274.

Entretanto, ambas se complementam em linhas ontológicas e inteligíveis. Sua vida é marcada por duas grandes etapas, ambas assinaladas por um acontecimento cristológico: na primeira etapa emerge em sua vida a Paixão do Senhor, onde o núcleo da experiência está nos sofrimentos de Cristo; na segunda etapa, chamada mística, mais vasta e dilatada, mantém como ponto de enclave a Paixão, porém ela passa a perceber esse mistério através da Ressurreição. O Jesus de Teresa é o Cristo Ressuscitado, ela contemplará o Senhor sofredor sempre com a carne glorificada.¹⁷

6.1.2. A devoção à Sagrada Humanidade de Cristo

Da compreensão dos dois mistérios de Cristo nasce em Teresa a devoção pela Humanidade do Senhor. O Cristo da Cruz é o Cristo da Ressurreição, é o Cristo da Divindade e da Humanidade: “Teresa em sua devoção pela Humanidade do Senhor intuiu o posto de Cristo Homem, como âmbito onde se revela o Pai e como ponto de convergência dos homens com Deus”.¹⁸ A dimensão de Cristo como Deus é percebida justamente com sua dimensão humana. O humano e o divino formam um todo na doutrina cristológica teresiana:

É verdade que a alma já introduzida pelo Senhor na sétima morada muito poucas vezes – ou quase nunca – precisa recorrer a essa diligência, pelo motivo que direi ao abordar esse aposento, se me lembrar. Mas essa alma não deixa de manter-se constantemente unida a Cristo Nosso Senhor. De um modo admirável – divino e humano a um só tempo –, Ele sempre lhe faz companhia.¹⁹

Em santa Teresa, para se ter uma ideia justa da divindade de Cristo, é necessário partir de sua Humanidade, onde a divindade se manifestou e se revelou. Prescindir da Humanidade do Senhor, é prescindir da sua Encarnação. A cristologia teresiana não é uma ideologia: é vida, é existência, é vivência. Sua cristologia pode ser definida como uma “visão vivencial de Cristo e de seu mistério”²⁰. Para Teresa a presença de Cristo destaca-se na eucaristia²¹, no próprio

¹⁷ Cf. CASTRO, S., *Cristologia Teresiana*, p. 295-296.

¹⁸ *Ibid.*, p. 297. [TN].

¹⁹ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7,9.

²⁰ CASTRO, S., *op. cit.*, p. 298. [TN].

²¹ Dedicaremos no sétimo capítulo dessa pesquisa um espaço específico para a relação de santa Teresa com e eucaristia.

“eu” do cristão onde mora Jesus Cristo²² e na comunidade, sendo essa última vista como uma presença na Igreja, nos sacramentos e no grupo religioso.

Diante da realidade espiritual do século XVI, nos interessa afirmar a importância que santa Teresa conferiu a contemplação da Humanidade de Cristo em sua experiência mística. Para nossa mística é impossível galgar os caminhos da oração, por mais elevada que seja, sem estar diante de Jesus Cristo, de sua humanidade-divinizada, de seu corpo ressuscitado. De acordo com J. Castellano, o tema da Humanidade de Cristo é especificamente teresiano: “Nesta leitura e meditação, Teresa descobre a “humanidade” de Cristo, encontro que constituirá o eixo de sua doutrina e sua grande tese doutrinal em aberta polêmica contra os espirituais do seu tempo”.²³ Diante das dificuldades enfrentadas em seu contexto, Teresa questionou-se a respeito de seu caminho, devido à força dos grandes mestres espirituais, que, naquele período, detinham a palavra a respeito do tema. Eles afirmavam que na oração, dever-se-ia suprimir tudo o que fosse corpóreo. Por este motivo, Teresa experimentou muitos remorsos²⁴ e isto o manifesta em *Castelo Interior ou Moradas*, expressando energicamente seu sentimento. Tais conteúdos, tornar-se-ão, pouco a pouco sua doutrina:

Este é um assunto sobre o qual me detive em outro lugar e, embora nisso tenham me contestado e dito que não o entendo, a mim não farão confessar que se trate de um bom caminho. Dizem que são caminhos por onde Nosso Senhor leva as almas e que, quando estas já passaram do princípio, é melhor tratar das coisas da Divindade e fugir das corpóreas. Pode ser que eu bem me engane e que estejamos todos dizendo a mesma coisa. Mas vi que o demônio queria enganar-me por esse meio e, assim, estou tão prevenida que penso em repeti-lo aqui, embora já o tenha dito outras vezes. Eu o farei para que tenhais muito cuidado no que se refere a isso. Olhai: ousou dizer que não acrediteis em quem vos disser outra coisa.²⁵

Para santa Teresa, recorrer à Humanidade de Cristo significa:

Quando Deus quer suspender todas as faculdades, como nos modos de oração que vimos, está claro que, mesmo sem desejarmos, essa presença nos é tirada. Que ela vá em boa hora: essa perda é ditosa, pois serve para fluirmos mais do que temos a

²² A esse respeito S. Castro nos dirá: “Jesus Cristo mora dentro de cada um dos cristãos. A oração de Teresa se baseará precisamente na presença de Cristo no mais recôndito do ser do homem redimido. Deste centro do ser humano, Cristo vai atraindo até si todas as potências sensitivas e espirituais da pessoa, para terminar transformando-as nele; chegará um momento em que essa presença de Cristo no ser do homem batizado será tão poderosa que o cristão se encontra como unido e invadido por Jesus Cristo”. CASTRO, S., *Cristologia Teresiana*, p. 299. [TN].

²³ CASTELLANO, J. C., *Guiones teresianos: apuntes sobre la doctrina y espiritualidade de la primera doctora de la Iglesia*, p. 85. [TN].

²⁴ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 32,1-2; Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7,15.

²⁵ Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7,5.

impressão de perder; porque, então, a alma se entrega toda a amar aquilo que o intelecto procurou conhecer; ela ama o que não compreendeu, regozijando-se no que não poderia se comprazer tão bem se não perdesse a si mesma para melhor ganhar. O que não me parece correto é que, intencional e cuidadosamente, acostumemo-nos a não procurar com todas as forças ter sempre diante dos olhos – e quisera o Senhor que fosse sempre – essa Sacratíssima Humanidade [...].²⁶

A doutora de Ávila trata do tema ao longo de todos os seus escritos, porém grande ênfase vemos no capítulo vinte e dois do *Livro da Vida* e no capítulo sete das sextas moradas de *Castelo Interior ou Moradas*, sempre insistindo que nunca se deve prescindir da Humanidade do Senhor. O Corpo de Cristo Ressuscitado é a verdadeira criação de Deus para a qual convergem todas as demais coisas.²⁷ Ela nos diz: “O que não posso tolerar é o total afastamento de Cristo e a consideração de Seu divino Corpo como membro da relação de nossas misérias e das coisas criadas”.²⁸

A espiritualidade teresiana nos mostra que a Humanidade de Cristo é necessária ao longo de todo o caminho, é o motor para a ascensão espiritual.²⁹ Teresa condena o esforço de afastamento desta Humanidade, o que trará sérias consequências para a vida espiritual.³⁰ Em *Castelo Interior ou Moradas*, vemos a santa afirmar que tal distanciamento impedirá o progresso a níveis mais altos de oração.³¹ Frei Maria-Eugênio nos dirá que “[...] o abandono de Jesus Cristo fecha, portanto, o acesso aos vértices da vida espiritual [...]. É um verdadeiro fracasso espiritual”.³² Abandono este que santa Teresa explicará como uma falta de humildade de quem se coloca em oração:

[...] é a falta de humildade, que faz a alma querer se levantar antes que o Senhor a eleve, e não contentar-se com meditar uma coisa tão preciosa, pretendendo ser Maria antes de trabalhado como Marta. Quando o Senhor o permite, mesmo que seja no primeiro dia, não há o que temer. Mas sejamos comedidos, como acho que já disse. Esse pequeno argueiro da pouca humildade, embora não pareça ser grande coisa, muito prejudica quem deseja progredir na contemplação. [...] Muito alegre a Deus que uma alma se sirva humildemente do Seu Filho, amando-O tanto que, mesmo que Sua Majestade queira levá-la a uma grande contemplação – como falei –, ela se reconhece indigna [...].³³

²⁶ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 22,9.

²⁷ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 302.

²⁸ SANTA TERESA, *op. cit.*, 22,1.

²⁹ Cf. *Ibid.*, 22,2.

³⁰ Cf. *Ibid.*, 22,9.

³¹ Cf. *Id.*, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7,6.

³² FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 1118.

³³ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 22,09.11.

Tratar da Humanidade de Cristo é tratar da tese fundamental de nossa doutora, de sua experiência pessoal e dos fundamentos que lhe sustentaram nesse processo. Teresa nos mostrará, através de seus escritos, que encontrou em muitos santos a confirmação de seu caminho³⁴, bem como aponta para afirmações da Escritura que confirmam seu pensamento.³⁵ Nesse contexto, ressaltamos a clareza que nossa santa tem diante da necessidade dos testemunhos que nos precedem, para que possamos levar adiante a vocação a qual Deus nos chamou, para que possamos, pela graça do batismo, vivermos como criaturas redimidas e salvas em Cristo Jesus: “A vida é longa, há nela muitos sofrimentos, e devemos ver como o nosso modelo Jesus Cristo os suportou, assim como Seus apóstolos e santos, para padecermos os nossos com perfeição”.³⁶ Com Teresa, também contemplamos o Cristo na Eucaristia, na Paixão e na Ressurreição, como centro e motor de nosso caminho de oração:

Porque se, todas as vezes, a nossa condição ou enfermidade não nos permitem, por ser penoso, pensar na Paixão, que nos impede de estar com Ele depois de ressuscitado, por tão perto O temos no Sacramento, onde já está glorificado, e onde não o contemplamos tão fatigado e despedaçado, sangrando, cansado de caminhar, perseguido por aqueles a quem fez tanto bem, privado da crença dos Apóstolos? Pois com certeza ninguém suporta pensar sempre nos tantos sofrimentos que Ele teve.³⁷

A Humanidade de Cristo é o lugar onde se realiza nosso encontro com Deus: “E vi com clareza, e continuei a ver, que Deus deseja, para O agradarmos e para que nos conceda grandes favores, que os recebamos por meio dessa Humanidade sacratíssima, em que Sua Majestade se deleita”.³⁸ Jesus Cristo é a Porta por onde devemos entrar³⁹, é o Caminho por onde nos vem todos os bens⁴⁰, quem o vê, vê ao Pai⁴¹, Ele é nosso bem e nosso remédio⁴². Nossa mestra de oração crê e ensina que precisamos nos apoiar no corpóreo para vermos realizado nosso trato de amizade com Deus:

³⁴ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 22,7.

³⁵ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,7,6.

³⁶ Ibid., 6,7,13.

³⁷ Id., Livro da Vida, 22,6.

³⁸ Ibid., 22,6.

³⁹ Cf. Ibid., 22,6.

⁴⁰ Cf. Ibid., 22,7.

⁴¹ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,7,6.

⁴² Cf. Ibid., 6,7,6.

Não consigo imaginar o que pensam essas pessoas. Afastar-se de tudo o que é corpóreo e viver sempre abrasado de amor são coisas próprias de espíritos angélicos, e não dos que vivemos num corpo mortal. Devemos pensar nos que, tendo tido corpo como nós, fizeram grandes façanhas por Deus. Deles temos de tratar e nos fazer acompanhar. Que grave engano afastar-se propositalmente de todo o nosso bem e remédio, que é a sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.⁴³

Relativizar a Humanidade Cristo é cair no vazio, rejeitar os planos de Deus manifestados no mistério da Encarnação e expresso no homem Jesus de Nazaré. Se, através da Humanidade, Cristo Deus realizou nossa salvação e enquanto homem Ele é o nosso mediador, tirar sua Humanidade de qualquer processo espiritual, é negar a mediação do Senhor em todo o processo de santificação da humanidade. Para Teresa, Humanidade e Divindade, formam em Jesus ressuscitado um todo. Esse todo é a fonte de nossa salvação. Ela está convencida de que o homem Jesus é inseparável de nossa santificação. Quando fala da Humanidade de Jesus, está pensando no homem Jesus, no enviado de Deus, que assumiu nossa carne no tempo, o Jesus dos evangelhos, que caminhou e fez história com a humanidade. E é esse Jesus que é imprescindível para a nossa santificação⁴⁴:

Ela vê o processo de nossa santificação em estreita união com Jesus Cristo, feito realidade, conhecimento e experiência para nós em sua Humanidade. [...] Por isso, essa Humanidade – o homem Jesus de Nazaré – será para nós o exemplo, o modelo, o caminho, o mestre e o fim. Se em algum momento da vida espiritual se venha a prescindir dessa sagrada Humanidade, a santidade deixaria de ser cristã; [...] não seria santidade emanada daquele Jesus que hoje vive ressuscitado na carne e que é o centro da reflexão de todo o NT.⁴⁵

Na medida que santa Teresa adentrava nos caminhos da mística, suas visões sobre a Humanidade de Jesus Cristo se faziam mais sublimes. Ela afirma que as aparições mais grandiosas e belas que experimentou de Jesus Cristo aconteceram nos mais altos estados místicos, isto é, nas sétimas moradas. A Humanidade do Senhor não era obstáculo para chegar aos elevados graus da mística, mas era o objeto desse percurso: “O homem Jesus de Nazaré ressuscitado – Humanidade e Divindade – é o objeto dessa mística”.⁴⁶

⁴³ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,7,6.

⁴⁴ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 305-306.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 307. [TN].

⁴⁶ *Ibid.*, p. 308. [TN].

6.1.3. O Cristo Crucificado

Teresa nos mostra a Paixão do Senhor como algo fundamental para o seu caminho espiritual. Dentre muitas e válidas explicações para essa apropriação, destacamos aquela que nos parece central, ou seja, a sua contemplação da vida de Cristo. S. Castro nos dirá que Teresa percebeu que o Cristo encarnado é um Cristo fundamentalmente crucificado. A Cruz é um dos elementos que dá sentido à vida de Cristo, é um dos princípios epistemológicos da cristologia. “O desígnio eterno de Deus em Cristo é realizado pelo sacrifício de Jesus e pela efusão de seu sangue”⁴⁷: “[...] aprouve a Deus [...] reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue de sua Cruz”⁴⁸, pois, “[...] é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza de sua graça”.⁴⁹ É pela Cruz de Cristo, por seu sacrifício salvífico que “[...] temos a plena garantia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus. Nele temos um caminho novo e vivo, que ele mesmo inaugurou através do véu, quer dizer: através de sua humanidade”.⁵⁰

A meta da ressurreição cumpre-se após uma vida crucificada.⁵¹ É necessário que “[...] corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus”.⁵² Teresa compreendeu que o sofrimento redentor foi dominante na vida do Senhor e que assim se dará na vida de cada cristão. Depois de uma existência crucificada, a vida desembocará na ressurreição.⁵³ Para transformar-se em Cristo é necessário revestir-se do Cristo concreto, que se encarnou e sofreu por nós⁵⁴, logo, a transformação em Cristo

⁴⁷ FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 1114.

⁴⁸ Cl 1,19-20.

⁴⁹ Ef 1,7.

⁵⁰ Hb 10,19-20.

⁵¹ A respeito desse aspecto sugerimos a leitura de FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS. Quero ver a Deus. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 1124-1132.

⁵² Hb 12,1-2.

⁵³ Sobre este aspecto, destacamos a reflexão de Frei Maria-Eugenio, quando distingue o sofrimento redentor de Cristo daquele do homem: “‘Com os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus’ (Hb 12,2), a alma é puxada para dentro do desenrolar e para a participação em seus mistérios. É verdade que em Cristo Jesus o mistério da Encarnação precedeu o mistério da Redenção, que o sofrimento nele é unicamente redentor. Para nós, pecadores, o sofrimento purificador deve preparar a união perfeita com Deus. O Cordeiro de Deus é puro e é a vítima do pecado do mundo; a alma na noite traz seu pecado e o sofre”. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 1130.

⁵⁴ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 309.

supõe a comunhão com seus padecimentos.⁵⁵ E ainda mais: “Cristo em sua Paixão é o melhor companheiro de toda alma que, dolorosamente, caminha na escuridão da noite. A alma tem, portanto, o dever de se prender a Ele e de beber nas fontes a luz e a vida que jorram de suas chagas”.⁵⁶ Os padecimentos que os cristãos encontram na Cruz não são somente a esperança da ressurreição futura, mas a alegria de estar com quem se ama. A Cruz traz um germe de gozo, de ressurreição, de glória. É uma Cruz glorificante:

O que mais me surpreende em tudo isso é o seguinte. Vistes os sofrimentos e aflições por que passaram essas almas desejando morrer para fruir de Nosso Senhor. Pois agora é tão grande a vontade que têm de servi-Lo, louvá-Lo e beneficiar alguma alma, se o puderem fazer, que não só não desejam morrer como preferem viver muitos anos padecendo grandíssimos tormentos. Isso para que, se possível, seja o Senhor louvado por elas [...] A sua glória está em poder ajudar em alguma coisa o Crucificado [...].⁵⁷

Na noite escura do espírito, quando a alma já não é alimentada pela contemplação teológica da Humanidade de Cristo, o que a alimenta é uma luz mística que ilumina a cena ou mistério de Cristo que a inteligência considera. Frei Maria-Eugênio nos dirá que: “Neste período, apesar da noite dolorosa, o amor continua a enriquecer a fé viva das riquezas de sua experiência. Fé e experiência, ambas essencialmente obscuras, encontram no olhar dirigido para o mistério de Cristo afortunadas explicitações”.⁵⁸ Isto nos mostra que, a contemplação da Sagrada Humanidade do Senhor não pode ser deixada de lado nem mesmo no momento de maior escuridão do caminho espiritual, pois, nessa ocasião, será o mistério de Cristo a luz a iluminar toda a escuridão da alma.

A experiência da impotência e da humilhação interior, tem afinidades evidentes com a de Jesus crucificado. É no olhar voltado para a Paixão que a alma encontra sua atmosfera, o seu desabrochar. A experiência faz penetrar na Paixão de Cristo, e é esse olhar dirigido para Cristo sofredor que revela à experiência seu valor e a união realizada. Essa tomada de consciência é força para a alma, é nova compenetração com Jesus Cristo que se descobre perto de si. Contemplar ou recordar a Paixão de Jesus provoca mudanças profundas. Já não serão os aspectos exteriores da cena que terão primazia, mas a alma que irá repousar nas

⁵⁵ Cf. SANTA TERESA, Cartas, 235,11; 358,5; Id., Fundações, 5,3; Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,3,4; Id., As Relações 26,1.

⁵⁶ FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, Quero ver a Deus, p. 1130.

⁵⁷ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,3,6.

⁵⁸ FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, op. cit., p. 1135.

profundezas do mistério de Cristo sofredor. A alma que padece sob a ação do amor se aproxima de Cristo que agoniza em seu amor pela humanidade até o fim dos tempos⁵⁹:

[...] já entende esses mistérios de modo mais perfeito. [...] só o ver o Senhor caído por terra [...] no Horto lhe basta não apenas por uma hora, mas por muitos dias. Um simples vislumbre é suficiente para que ela veja quem ele é e quão grande tem sido a nossa ingratidão [...]. Mas logo a vontade interfere, ainda que não seja com ternura, e deseja contribuir em algo para tão grande graça.⁶⁰

Esse olhar dirigido para Cristo se torna muito mais enriquecedor que a meditação ou contemplação teológica, fazendo surgir força e clareza da experiência interior que ele explicita e desenvolve. É um olhar útil e necessário na noite do espírito: “[...] ele é necessário para tomar consciência das riquezas que o amor doloroso depôs na alma e para, verdadeiramente, apossar-se dela”.⁶¹ Na Paixão de Cristo o sofrimento do homem toma outro sentido. Ali está Deus assumindo a história a partir de dentro, compartilhando com o homem tudo o que faz parte de sua humanidade. É a partir da Paixão que o sofrimento humano toma novo sentido, o sentido do Amor que ampara e dá à vida a palavra final. Deixar de lado a Humanidade de Cristo para Teresa significa deixar de lado a Paixão, excluir Deus do mais íntimo encontro com a humanidade. “O Deus da Paixão é um Deus que busca o ser humano, porque o ama, e o busca com tanto interesse, que não hesita em esconder seu próprio rosto para fazer-se mais acessível”.⁶²

A contemplação da Humanidade de Cristo, especificamente de sua Paixão, deu a Teresa a compreensão do pecado. Tal compreensão acontece a partir da experiência de sua vida espiritual. Entende que afastar-se da meditação da Paixão do Senhor, não estar em íntima comunhão com Ele, tomando a termo a contemplação de sua Humanidade, leva o homem ao pecado da ruptura com Deus por meio da ruptura com Jesus Cristo. O homem que é chamado a sentir em sua carne os sofrimentos de Cristo e a cooperar com seus próprios sentimentos com a Paixão do Senhor, não realiza esta missão se cai em pecado, pois o pecado interrompe esta comunhão de vida que deve existir entre o homem redimido e Jesus Cristo. Assim, o pecado está relacionado com o abandono da oração, do

⁵⁹ Cf. FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *Quero ver a Deus*, p. 1136.

⁶⁰ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7,11.

⁶¹ FREI MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, *op. cit.*, p. 1137.

⁶² CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 312. [TN].

diálogo com Cristo e da contemplação de sua pessoa.⁶³ A Paixão, foi sendo impressa de tal maneira na alma de Madre Teresa, que a fez abrir-se ao amor de Deus que, gratuitamente, através da Cruz, abaixou-se e fez-se acessível até o limite da humanidade.

Para S. Castro, a ideia que Teresa tem de Cristo parte precisamente da Paixão. A Paixão de Cristo derruba nossos conceitos de grandeza, de sabedoria e de autossuficiência acerca de Deus. É nele que o cristão precisa espelhar-se para ser verdadeiramente cristão, são as dores de Cristo que precisam estar impressas em sua alma. Através da contemplação da Paixão, Teresa penetrou o mistério redentor de Cristo e ali chegou a um conhecimento muito profundo de sua pessoa. Em *Caminho de Perfeição* nos mostra como se deve proceder em certos momentos da vida espiritual, tendo a Paixão de Cristo como objeto de contemplação e chamado de Deus:

Se estais padecendo ou tristes, vede-O a caminho do Horto. Que aflição tão grande Lhe ia na alma, já que, sendo todo paciência, chegou a confessá-la e a queixar-se dela! Ou vede-O atado à coluna, cheio de dores com a carne toda feita em pedaços pelo muito que vos ama, padecendo muito: perseguido por uns, cuspidor por outros, renegado pelos amigos, desamparado por eles, sem ninguém que O defendesse, gelado de frio, posto em imensa solidão. Se o fizerdes, um com o outro vos podeis consolar. Contemplai também o Senhor carregando a Cruz, sem que O deixassem recobrar o fôlego. Ele porá em vós os Seus olhos formosos e piedosos, cheios de lágrimas, esquecendo-Se de Suas dores para consolar as vossas, só porque ides consolar-vos com Ele e voltais a cabeça para fitá-Lo.⁶⁴

Através do conhecimento da Paixão, Teresa compreende a dor humana que está inserida no mistério de Cristo. É no Primogênito da humanidade, que a todos precede carregando a Cruz, que podemos compreender a tragédia humana. Será pela compreensão das dores de Cristo que a sabedoria da Cruz chegará até Teresa. Imitar a Cristo será segui-Lo em sua crucifixão. Por isso, a espiritualidade terá como fundamento virtudes como a abnegação, a humildade, a pobreza, entre outras, que encontram sua justificação na vida de Cristo, pobre e servo, tal como vemos na Paixão. Na Cruz de Cristo se apoia a ascética teresiana, uma vez que sua ascética não é outra coisa que o seguimento de Cristo. Na Cruz, Ele é o Mestre

⁶³ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 315-316.

⁶⁴ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 26,5.

que ensina, símbolo e paradigma da vida humana, Amigo que ajuda e assume nossas tragédias.⁶⁵

6.1.4. O Cristo Ressuscitado

Teresa afirma que é da Paixão de Cristo que nos vem todos os bens⁶⁶, porém tal convicção não a traz desconectada da Ressurreição. É o Cristo exaltado que influi em sua vida espiritual. Por sua experiência, contemplava no mais íntimo de seu próprio ser a imagem de Cristo Ressuscitado. Experimentava que pouco a pouco ia se transformando neste Cristo Glorificado e escreve: “Dizíamos, pois, que a nossa borboletinha já morreu, infinitamente alegre por ter encontrado repouso. Cristo vive nela”.⁶⁷ O mistério da ressurreição teve repercussões vigorosas e precisas em sua vida. O Cristo com quem Teresa se relaciona, é um Cristo vivo. É à luz do Ressuscitado que Teresa irá compreender a vida oculta, a vida pública e a Paixão. A ascese teresiana está impregnada dos efeitos da ressurreição. É o Cristo Ressuscitado, que vive junto do Pai, quem suscita os sentimentos de negação de si mesma em vista de revestir-se da mulher nova.⁶⁸

Para J. Castellano, todos os místicos buscaram o rosto de Cristo. Na medida em que tiveram uma experiência do Deus vivente, desejaram ver o seu rosto. Como Deus revelou o seu rosto em Cristo, todo o desejo dos santos está em contemplar o rosto de Jesus Cristo. Nem todos os místicos tiveram a graça de contemplar o rosto de Cristo, mas sabemos que Teresa sim, e nos oferece junto de sua experiência uma série de doutrinas e conselhos pedagógicos que nos colocam como buscadores do rosto de Deus, em Cristo Jesus. Com Teresa aprendemos a contemplar o rosto do Cristo Crucificado-Glorioso que entra na história da humanidade, na história pessoal de cada um, para devolver a vida que se perdeu pelo pecado. Ela nos dirá: “Eu percebia que, embora fosse Deus, era Homem, alguém que não se espanta com as fraquezas dos homens, que compreende a nossa vil natureza, sujeita a tantas quedas por causa do primeiro pecado, que Ele viera reparar”.⁶⁹ A sintonia com a Humanidade de Cristo, a apaixonada defesa da

⁶⁵ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 318-319.

⁶⁶ Cf. SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 13,13.

⁶⁷ Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 7,3,1.

⁶⁸ Cf. CASTRO, S., *op. cit.*, p. 319-324.

⁶⁹ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 37,5.

oração como meditação do Evangelho e encontro com Cristo na sua Sacratíssima Humanidade tem algo de visceral.⁷⁰

A beleza de Cristo a seduz e dá o ritmo de seu caminho espiritual: “Quando vi Cristo, imprimiu-se em mim Sua grandíssima formosura, que ainda hoje está presente; [...] Depois de contemplar a grande beleza do Senhor, nunca mais vi alguém que, comparado a Ele, me parecesse formoso ou me ocupasse o espírito”.⁷¹ É diante dele, de sua Sagrada Humanidade, ferida por nossos pecados, que Teresa tem sua terceira conversão e implora a graça de não mais o ofender:

Aconteceu-me de, entrando um dia no oratório, ver uma imagem guardada ali para certa festa a ser celebrada no mosteiro. Era um Cristo com grandes chagas que inspirava tamanha devoção que eu, de vê-Lo, fiquei perturbada, visto que ela representava bem o que Ele passou por nós. Foi tão grande o meu sentimento por ter sido tão mal-agradecida àquelas chagas que o meu coração quase se partiu; lancei-me a seus pés, derramando muitas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse de uma vez para que não O ofendesse.⁷²

Seu caminho espiritual será de permanente encontro com Cristo, com sua Sagrada Humanidade e é o próprio Senhor que se revelará a Teresa nos diversos momentos de seu cotidiano. Como vimos no capítulo precedente, a vida de oração se faz contínua, tudo se torna motivo de oração, de encontro com Deus, com o Senhor que está dia e noite ao seu lado.⁷³ Nossa doutora narra com abundância as manifestações do Senhor e o íntimo trato de amizade que isso imprime em sua vida:

Num dia de São Paulo, durante a missa, essa Humanidade sacratíssima se apresentou a mim por inteiro, tal como é representado ressuscitado [...]. Digo somente que, se no céu não houvesse senão a formosura dos corpos glorificados para deleitar a vista, seria imensa a glória especial de ver a Humanidade Jesus Cristo Nosso Senhor. Se aqui na terra Sua Majestade se mostra na medida do que pode suportar a nossa miséria, como se mostrará Ele ali onde se goza a plenitude desse bem?⁷⁴

Vemos expressa nessa passagem um relato da progressiva manifestação do Cristo Ressuscitado, revelador do Amor do Pai. Cristo “Luz da Luz” vai se

⁷⁰ Cf. CASTELLANO, J. C., *La bellezza del volto di Cristo nell’esperienza mistica di Santa Teresa di Gesù*, p. 155-157.

⁷¹ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 37,4.

⁷² *Ibid.*, 9,1.

⁷³ Cf. *Ibid.*, 27,2.

⁷⁴ *Ibid.*, 28,3.

manifestando a Teresa, como uma luz infusa, a mais bela realidade que se possa imaginar⁷⁵:

Não é um esplendor que deslumbre, mas uma suave brancura e um brilho infuso que dão enorme prazer à vista e não cansam, o mesmo ocorrendo com a claridade que acompanha a visão dessa beleza tão divina. É uma luz tão diferente das do mundo que o clarão do sol que vemos parece sem brilho em comparação com a claridade e a luz que se apresentam à vista. Quase não se quer abrir os olhos depois disso. [...] É luz que não conhece noite, mas que, como sempre brilha, por nada pode ser ofuscada. Em suma, é de tal maneira que, por maior entendimento que tivesse, ninguém, em todos os dias de sua vida, poderia por si mesmo imaginar como é.⁷⁶

Aquele que aparece a Teresa, é o Cristo Crucificado-Ressuscitado, o mesmo que aparece a Paulo e o leva a sabedoria da Cruz, ao Amor Crucificado, a entrega total da própria vida. Não estamos falando de uma visão platônica, mas do íntimo encontro com o Senhor que transforma a vida em total entrega de amor:

Porque, se for imagem, é imagem viva, não um homem morto, mas o Cristo vivo. Ele dá a entender que é homem e Deus, mostrando-se não como estava no sepulcro, mas com a aparência com que saiu dele ao ser ressuscitado. Ele vem por vezes com tanta majestade que não há quem possa duvidar de que se trata do próprio Senhor, em especial quando acabamos de comungar, pois já sabemos que está ali, visto que a fé assim nos diz. Ele se apresenta tão Senhor daquela pousada que parece que a alma toda desfeita se vê consumir em Cristo.⁷⁷

Teresa se refere a potência e a beleza de Cristo que permanecem impressas na alma: “A majestade e a formosura ficam tão impressas que só se pode esquecer quando o Senhor deseja que a alma padeça de uma aridez e de uma imensa solidão [...]”.⁷⁸ Os critérios de discernimento diante dessas visões são a certeza absoluta que tem a alma e os frutos de mudança na própria vida.⁷⁹ As visões do Senhor tiveram consequências muito reais em sua existência, aumentando nela o amor e a confiança, dando-lhe a segurança de ser acolhida em suas fraquezas, podendo tratar com Ele como que com um amigo.⁸⁰ O Senhor se faz presença contínua, convivência, comunhão, é a testemunha silenciosa de cada uma de suas obras. Nesse mesmo Cristo Ressuscitado, como vimos, estão as marcas de sua Paixão⁸¹ e

⁷⁵ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,9,4.

⁷⁶ Id., Livro da Vida, 28,5.

⁷⁷ Ibid., 28,8.

⁷⁸ Ibid., 28,9.

⁷⁹ Cf. Ibid., 28,10-13.

⁸⁰ Cf. Ibid., 37,4-6.

⁸¹ Cf. Ibid., 29,3-4.

é a Ele que Teresa se refere como Beleza impossível de imaginar pelo simples querer humano, é Deus quem a revela.⁸² Jesus é a Beleza que contém em si toda beleza⁸³, é a coisa mais bela que se possa imaginar⁸⁴, pleno de amor, de ternura, de bondade, enfim, infinitamente belo.⁸⁵

6.1.5. O Cristo Encarnado

Diante do que vimos até aqui acerca da importância da Sagrada Humanidade de Cristo na espiritualidade teresiana, é necessário ressaltar que a doutrina de nossa santa não está pautada em uma ideologia ou moralismo, mas se trata de uma experiência radicada em Cristo. Sua doutrina vem a ser uma cristologia existencial, uma forma de viver o cristianismo. O Cristo com o qual faz essa experiência é o Cristo Encarnado. Teresa compreende a Encarnação como uma imersão de Deus até o mais concreto de nosso mundo. Não estamos diante de um Deus que passou às margens de nossa história, mas de uma verdadeira experiência da parte de Deus do que vitalmente significa ser homem. A Encarnação se vincula com a ideia da amizade, da união entre Deus e o homem. É graças a Encarnação que se pode estabelecer essa verdadeira relação de amizade.

Deus pode ser amado a partir de categorias humanas, já que se fez homem, e aqui encontramos grande sentido para sua afirmação: “Eu só podia pensar em Cristo como homem [...]”.⁸⁶ A espiritualidade de Teresa gira em torno da Encarnação do Verbo. O Deus da doutrina teresiana é um Deus encarnado, humanado, feito semelhante a nós e que nos chama a sua amizade. Na Encarnação ela vê o amor de Deus Pai e de Jesus Cristo, contempla o abaixamento do *Kyrios* e o amor ilimitado do Pai que nos dá seu próprio Filho.⁸⁷ Enfim, nas sextas moradas dirá: “[...] quanto mais adiantada está a alma, tanto mais se faz acompanhar desse bom Jesus [...]”.⁸⁸

J. Castellano ao escrever sobre a beleza da Sagrada Humanidade de Cristo em santa Teresa, nos dirá que existe ainda uma nova revelação da imagem de

⁸² Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 29,1.

⁸³ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 22,6.

⁸⁴ Cf. Ibid., 26,3.

⁸⁵ Cf. Id., Livro da Vida, 38,21.

⁸⁶ Ibid., 9,6.

⁸⁷ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 324-326.

⁸⁸ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,8,1.

Cristo na espiritualidade teresiana, que é a que se manifesta na presença da imagem de Cristo em nós. Passa-se da imagem de Cristo em si ao seu reflexo nela. Aqui também se trata de uma cristofania de alto valor teológico⁸⁹, onde nossa santa doutora nos aponta para a presença do Ressuscitado no “eu” do homem⁹⁰, descrita com essas palavras:

Estando uma vez nas Horas com todas as irmãs, a minha alma se recolheu de imediato e deu-me a impressão de ser um claro espelho. Não havia parte posterior, nem lados, nem alto, nem baixo que não fosse claridade; e, no centro, foi-me apresentado Cristo Nosso Senhor da maneira como costume vê-Lo. Eu parecia vê-Lo em todas as partes da minha alma claro como espelho; e esse espelho, não sei como, também era feito todo do próprio Senhor, através de uma comunicação muito amorosa que não sei descrever.⁹¹

De sua experiência mística e da contemplação do rosto de Cristo nos traz uma série de indicações pedagógicas para a oração e para a vida, radicadas na convicção de que Cristo sempre nos olha com amor e devemos nos deixar olhar por Ele.⁹² Jesus Cristo a enamora e a toma para si e a consola. Será com Ele que caminhará até o fim da vida:

Um dia, depois de comungar, pareceu-me clarissimamente que se sentou ao meu lado Nosso Senhor, começando a consolar-me com grandes regalos; e me disse, entre outras coisas: “Aqui me vês, filha, pois sou Eu; mostra tuas mãos”, parecendo-me que as tomava e as aproximava do Seu lado. E disse: “Olha as minhas chagas. Não estás sem Mim. A brevidade da vida passa”.⁹³

Prossigamos nossa pesquisa conhecendo um pouco mais da oração teresiana a partir de sua intimidade com Jesus Cristo.

6.2. Jesus Cristo na oração teresiana

6.2.1. A Sagrada Humanidade de Cristo nas três primeiras moradas

Passamos agora a um olhar mais apurado para o relacionamento de Teresa com Cristo na oração. Sendo Cristo presença contínua na vida de nossa santa, não

⁸⁹ Cf. CASTELLANO, J. C., *La bellezza del volto di Cristo nell’esperienza mistica di Santa Teresa di Gesù*, p. 166.

⁹⁰ Cf. CASTRO, S., *Jesucristo y su misterio*, p. 143.

⁹¹ SANTA TERESA, *Livro da Vida*, 40,5.

⁹² Cf. CASTELLANO, J. C., *op. cit.*, p. 167.

⁹³ SANTA TERESA, *As Relações*, 15,6.

podemos duvidar que o seja em sua oração, uma vez que em Teresa, oração e vida formam uma estrutura compacta e inseparável. Referindo-nos a oração, vimos no capítulo precedente, que é um tema que perpassa todos os escritos teresianos, enfatizando alguns capítulos do *Livro da Vida*⁹⁴, de *Caminho de Perfeição*⁹⁵, todo o *Castelo Interior ou Moradas* e alguns outros escritos. Neste tópico de nossa pesquisa percorreremos o caminho de oração apresentado por Teresa em *Castelo Interior ou Moradas*.

De acordo com S. Castro, a oração teresiana é um aprofundamento gradual do ser humano no mistério de Cristo, cuja imagem vai se fazendo cada vez mais presente na pessoa, na medida em que ela cresce na vida de oração. Recolher-se, para Teresa, será submergir-se em Jesus Cristo; orar, será transformar-se em Jesus Cristo. S. Castro nos mostra que a oração teresiana é uma forma de cristificar sua existência, sendo, portanto, que a oração não é a medula da doutrina e existência de Teresa, mas sim a cristificação ou assimilação de Jesus Cristo, que se realiza mediante a oração.⁹⁶

Ao final de *Castelo Interior ou Moradas*, Teresa nos mostra que o Senhor aparece no centro da alma⁹⁷, o que nos leva a compreender que sua pretensão é possibilitar os meios para que o homem, através do seguimento, como se afirma nas terceiras moradas⁹⁸, alcance o centro do eu, onde está o Ressuscitado o plenificando de esplendor e de vida. O percurso espiritual que se dá é um caminho que faz emergir a luminosidade de Cristo no ser humano. Trata-se de uma cristologia interior e uma cristologia exterior⁹⁹:

[...] para Teresa o mais íntimo do castelo está identificado com o centro do eu, o Paraíso do Gênesis, a vinícola dos Cânticos, o Cenáculo (5M 1,13), as moradas de João e a cidade do Apocalipse. Portanto, o Rei do Castelo, é o Esposo dos Cânticos, o Cristo Ressuscitado do Cenáculo, o Filho das Moradas de João, o Rei do Apocalipse e também o Senhor do Paraíso do Gênesis. [...] descobriremos que também no centro do eu se encontra a terra prometida. O texto é precioso: “E verão como Sua Majestade os leva de umas moradas a outras e os coloca em terra onde

⁹⁴ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 11-22: onde explica minuciosamente os quatro graus de oração.

⁹⁵ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 16-42.

⁹⁶ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 74-76.

⁹⁷ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,3.

⁹⁸ Cf. Ibid., 3,1,8.

⁹⁹ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 253-254.

estas feras não lhes podem tocar nem cansar; mas ele detém todas elas” (2M 1,9).¹⁰⁰

Em *Castelo Interior ou Moradas*, Teresa nos oferece o caminho para chegarmos ao “eu”, para nos encontrarmos com o Rei, para deixarmos nosso ser repousando nele e podermos afirmar: “Já não sou eu quem vivo, é Cristo quem vive em mim”.¹⁰¹ De acordo com S. Castro, o caminho cristológico apresentado torna-se mais evidente quando, fazemos uma leitura das primeiras moradas iluminando-as com as últimas, ou seja, com a luz do próprio Cristo que atraí a pessoa para o centro da alma, iluminando-a e transformando-a.¹⁰²

Teresa começa a falar das primeiras moradas fazendo referência à beleza da alma segundo a criação de Deus e de sua feiura quando obscurecida pelo pecado.¹⁰³ Não fala diretamente que tal formosura esteja relacionada a Cristo, no entanto, recorrendo ao *Livro da Vida*¹⁰⁴, vemos que a compreensão de nossa santa é de que tal beleza vem do Senhor. O ponto de partida das primeiras moradas é a compreensão de que o ser humano é habitado pelo divino, identificado por Teresa com Jesus Cristo. Assim, depois de descrever a beleza da alma em graça, começa a narrar o processo de deificação do ser humano, que, para Teresa, é um processo de cristificação.¹⁰⁵ Nestas moradas, a pessoa é chamada a entrar no castelo pelo viés da oração, retomando o diálogo com Cristo, quebrado pelo pecado. A vida de oração consiste em um progressivo encontro com o Senhor, presente no coração do crente. Esse encontro, como aconteceu com o cego de nascença, com Madalena, com Paulo e outros, nos traz a graça da conversão e da saúde do espírito.¹⁰⁶ Já nesse primeiro momento da vida de oração, podemos dizer que o ser humano, pelo fato de ter sido redimido por Cristo, se encontra impregnado de seu mistério.¹⁰⁷ O próprio Senhor se encontra presente no homem, no mais profundo de sua alma, e, deste centro vai se apoderando de todas as potências humanas mediante a submissão dessas ao seu influxo.¹⁰⁸ O conhecimento de si mesmo, que

¹⁰⁰ CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 255. [TN].

¹⁰¹ GI 2,20.

¹⁰² Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,1,7.

¹⁰³ Cf. *Ibid.*, 1,1,1.

¹⁰⁴ Cf. *Id.*, *Livro da Vida*, 40,5.

¹⁰⁵ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 76-79.

¹⁰⁶ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 1,1,3.8.

¹⁰⁷ Cf. *Ibid.*, 1,2,4.

¹⁰⁸ Cf. *Ibid.*, 1,2,14.

é o tema central desta morada, se adquire com vistas a Cristo, a pessoa de Jesus é como o espelho onde o ser humano deve contemplar-se para conhecer a verdade.¹⁰⁹

Entrando nas segundas moradas, começamos a perceber a voz de Deus nos acontecimentos cotidianos.¹¹⁰ O orante se empenha por obedecê-la, ao mesmo tempo que as vozes do mundo se empenham em querer tirá-lo desse caminho. A alma enfrenta uma luta atroz, conscientizando-se que sem Ele nada pode¹¹¹, pois, o contrário seria construir a casa sobre a areia.¹¹² Emerge a súplica para que o próprio Senhor, por seu Sangue derramado, nos arraste para si.¹¹³ Uma súplica crística, que assim se expressa: “Pois, se nunca olhamos para Ele, nem consideramos o que Lhe devemos e a morte que sofreu por nós, não sei como O poderemos conhecer nem fazer obras em Seu serviço”.¹¹⁴ Trata-se de olhar para Jesus para sermos atraídos e vistos: “Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela”.¹¹⁵ Nossa santa evidencia a necessidade de que o discípulo faça o mesmo caminho do Senhor¹¹⁶: “Praza Sua Majestade dar-nos a entender o muito que Lhe custamos e como o servo não é mais do que o Senhor. Que Ele nos mostre também que precisamos trabalhar para gozar de Sua glória; para isso, é necessário orar, a fim de não andar em tentação”.¹¹⁷ A oração, que surge nessa morada, é essencial para não sucumbir as tentações, é o clamor de Jesus, que também nesses momentos ora.¹¹⁸

Nas segundas moradas, Teresa adverte ao discípulo que a Cruz do Senhor deve ser abraçada, já que esse ainda não se encontra nas moradas que “chovem maná”: “Apegai-vos à Cruz que vosso Esposo tomou sobre Si e entendei que ela deve ser a vossa tarefa. Aquela que mais puder padecer, que padeça mais por Ele e será a que melhor se liberta”.¹¹⁹ A alusão ao filho pródigo¹²⁰, aos filhos de

¹⁰⁹ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 81-83.

¹¹⁰ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 2,1,2.

¹¹¹ Cf. *Ibid.*, 2,1,6.

¹¹² Cf. *Ibid.*, 2,1,7.

¹¹³ Cf. *Ibid.*, 2,1,9.

¹¹⁴ *Ibid.*, 2,1,11.

¹¹⁵ *Ibid.*, 5,1,9.

¹¹⁶ Cf. Mt 10,24.

¹¹⁷ SANTA TERESA, *op. cit.*, 2,1,11.

¹¹⁸ Cf. CASTRO, S., *Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía*, p. 257-258.

¹¹⁹ SANTA TERESA, *op. cit.*, 2,1,7.

Zebedeu¹²¹ e à paz oferecida no Cenáculo¹²², mostram as atitudes e sentimentos cristológicos que devem impregnar a alma em seu caminho de oração. Assim, Teresa espera que Cristo a conduza à terra prometida¹²³, que para ela é a morada de Cristo, ou seja, seu interior, onde resplandece o Ressuscitado. *Castelo Interior ou Moradas* são um “êxodo cristológico”, rumo a terra santa, que é nosso próprio interior, onde habita o Senhor.¹²⁴

Vemos que, nestas segundas moradas, Cristo aparece como o centro de todas as referências espirituais da pessoa, mesmo que se trate de um diálogo esporádico, no qual a alma ainda O percebe fora dela. No entanto, a percepção da presença de Cristo se acentua muito em relação às primeiras moradas. A pessoa vai se abrindo à graça de Cristo e vai compreendendo sua necessidade.¹²⁵ Estamos no princípio da vida de oração e aqui santa Teresa nos dá alguns conselhos de como manter o diálogo com Cristo. Sugere-nos o conhecimento da vida de Cristo, ou seja, interiorizar em si mesmo a sua existência, que neste estágio, se identifica com a Cruz. Quem se deixa crucificar com o Senhor experimenta também sua ressurreição, por isso, sua insistência em apontar para o seguimento do Crucificado. É para o seguimento do Crucificado que Teresa nos aconselha a “determinada determinação”¹²⁶:

Digo que muito importa, sobretudo, ter uma grande e muito decidida determinação de não parar enquanto não alcançar a meta, surja o que surgir, aconteça o que acontecer, sofra-se o que se sofrer, murmure quem murmurar, mesmo que não se tenham forças para prosseguir, mesmo que se morra no caminho ou não se suportem os padecimentos que nele há, ainda que o mundo venha abaixo.¹²⁷

A oração teresiana consiste no seguimento radical de Jesus Cristo, renovando misticamente o seu mistério em nós mesmos. Se não querem se perder os que seguem Jesus, devem ir pelo mesmo caminho que Ele percorreu.¹²⁸ É tempo de olhá-Lo e não se preocupar com tantos conceitos a seu respeito.¹²⁹

¹²⁰ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 2,1,4.

¹²¹ Cf. *Ibid.*, 2,1,8.

¹²² Cf. *Ibid.*, 2,1,9.

¹²³ Cf. *Ibid.*, 2,1,9.

¹²⁴ Cf. CASTRO, S., *Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía*, p. 258-259.

¹²⁵ Essa segunda morada tem suas correspondências no Livro da Vida 11-13, *Caminho de Perfeição* (Escorial) 33-43, *Caminho de Perfeição* (Valladolid) 20-29.

¹²⁶ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 83-84.

¹²⁷ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 21,2.

¹²⁸ Cf. *Id.*, Livro da Vida, 11,5.

¹²⁹ Cf. *Id.*, *Caminho de perfeição*, 26,3.

6.2.2. A ascese nas três primeiras moradas

Para Teresa, olhar Cristo é assumir na própria vida Suas vivências fundamentais, ou seja, a Cruz e a Ressurreição, o que exigirá grandes esforços: “Pode-se dizer dos que começam a ter oração que apanham a água do poço, o que é muito trabalhoso, como eu disse, porque eles têm, de cansar-se para recolher os sentidos, algo que, como não estão acostumados a concentrar-se, requer muito esforço”.¹³⁰ Nestas moradas, é o trabalho duro e áspero da vida ascética que nos ajudará ao recolhimento. Novamente estamos diante da necessidade da renúncia de si mesmo para assumir a Cruz do Senhor. Estamos no período purificativo, necessário àqueles que querem um dia transformar-se em Jesus Cristo. Ao utilizar quatro textos evangélicos¹³¹ de grande densidade cristológica, onde Cristo proclama que ninguém poderá ir ao Pai senão por Ele, pois quem o vê, vê ao Pai, ou seja, deixa plenamente clara a orientação cristológica da morada. É para o mistério de Cristo que se quer conduzir a pessoa, a alma deve deixar-se impregnar pelo perfume de Cristo, pois, somente unindo-se a Ele se pode unir ao Pai. Já nas segundas moradas Teresa nos deixa claro que o seu itinerário espiritual tem por objetivo a cristificação da pessoa, a fim de que tenha os mesmos sentimentos e anseios de Jesus Cristo.¹³²

Chegando às terceiras moradas a pessoa adquire uma grande paz e segurança de consciência.¹³³ Assim as descreve Teresa:

Elas têm grande desejo de não ofender Sua Majestade e apreciam fazer penitência, evitando até mesmo os pecados veniais. Têm seus momentos de recolhimento e empregam bem o tempo, exercitando-se em obras de caridade para com o próximo. Essas almas são corretíssimas no falar e no vestir, bem como na administração da casa, quando a têm.¹³⁴

Uma tentação nessas moradas é acreditar que tal paz seja fruto de seus esforços pessoais e não da graça de Deus, levando o orante a buscar a si mesmo e não a Deus. Para ajudar a enfrentar essa tentação, Teresa apresenta a figura do jovem rico do Evangelho:

¹³⁰ SANTA TERESA, Livro da Vida, 11,9.

¹³¹ Ver: Jo 14,6; 14,9; Mt 10,24; 26,41.

¹³² Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 86-91.

¹³³ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 3,1,1.

¹³⁴ *Ibid.*, 3,1,5.

Ó Jesus, quem não desejará um bem tão grande, em especial se já passou pelo mais trabalhoso? Todos o quererão. O mesmo acontece conosco, irmãs. Mas, como ainda é preciso mais para que o Senhor possua por completo a alma, não basta dizer que o desejamos, como não bastou ao jovem a quem o Senhor perguntou se queria ser perfeito. Desde que comecei a falar dessas moradas, tenho-o diante dos olhos. Porque somos como ele, sem tirar nem pôr, sendo essa a causa mais comum das agruras na oração, embora também haja outras.¹³⁵

Teresa nos mostra que Cristo exige que deixemos todas as coisas para entrarmos no Reino. É necessário viver Cristo e para isso não podemos agir como o jovem que se entristece quando o Senhor lhe diz o que deve fazer para ser perfeito. Neste contexto, Teresa enfatizará o amor que receberemos do Senhor frente a entrega de amor que lhe tivermos feito¹³⁶, o que significa que, para ela, a perfeição consiste no amor a Jesus Cristo.¹³⁷ Segundo os esquemas teresianos, essa morada marca o ponto final da vida ascética, no que diz respeito ao grande esforço para se ter oração. No entanto, S. Castro nos ajuda a compreender melhor o que é a ascética teresiana, aquela que se mantém ao longo de todas as moradas:

[...] a ascética teresiana possui um marcado caráter evangélico (leia-se cristológico); esta ascética não tem por objetivo chegar a conseguir uma purificação do ser humano, do tipo gnóstico, mas toda ela está em função da transformação em Jesus Cristo, mediante seu seguimento, sua imitação e a comunhão com ele; se orienta toda a vida a conhecer a Jesus Cristo e a experimentá-lo; a meta última do esforço ético de Teresa se dirige a ter os mesmos sentimentos que tinha Jesus Cristo.¹³⁸

Nestas moradas a alma não apenas deseja não pecar, mas anseia a perfeição evangélica, ter um diálogo amistoso com o Senhor, o qual requer docilidade a graça e a voz de Cristo. É tempo de colocar-se a serviço do Deus que tanto nos ama, de dispor-se a todo o sofrimento necessário para revestir-se de Cristo. Trata-se de uma espiritualidade desenvolvida nos caminhos evangélicos. Vemos que nossa santa assume a vida dos apóstolos como modelo para o orante, ou seja, apresenta uma espiritualidade que leva a assumir as atitudes dos primeiros seguidores de Cristo, profundamente enraizada nos Evangelhos.¹³⁹ Teresa nos diz que, já aqui, o Senhor prodigaliza ao orante algumas experiências de gozos espirituais, talvez para mostrar que se está no caminho certo e para animar a

¹³⁵ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 3,1,6.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, 3,1,7.

¹³⁷ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 92.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 92. [TN].

¹³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 94.

dispor-se a entrar nas demais moradas.¹⁴⁰ Teresa insiste muito no estudo e meditação da vida de Cristo como orientação fundamental da ascética, sendo a renúncia uma resposta ao convite do Senhor e a sua entrega por nós.

Ao longo deste percurso nossa doutora insiste na importância da Humanidade de Cristo. Mesmo dando liberdade para outros objetos de meditação que não sejam a vida de Cristo, reforça que a Paixão não pode ser deixada de lado, deve ser a meditação central, um excelente e seguro caminho até o Senhor.¹⁴¹ Todos que seguem esse caminho de oração devem levar a Cruz de Cristo¹⁴², sendo essa a maneira para transformar-se nele. A pessoa deve buscar em seu interior a presença vivificante de Jesus Cristo, em cujo encontro pessoal se revive a história evangélica.¹⁴³ Enfim, ficamos com o questionamento de nossa mestra quando começa a tratar dessas moradas:

Que podemos fazer por um Deus tão generoso, que morreu por nós, nos criou e nos dá a vida? Podemos dar-nos por venturosos de ir amortizando um pouco o que Lhe devemos, por nos ter Ele servido como fez [...]. E ainda Lhe pediremos novas graças e consolações?¹⁴⁴

Teresa convida a desnudar-nos, a deixarmo-nos de tudo¹⁴⁵, para, nos passos dos primeiros chamados¹⁴⁶, assumirmos o seguimento com todas as suas exigências¹⁴⁷. Adverte-nos que depois de termos feito tudo, devemos nos recordar que somos servos inúteis¹⁴⁸, sempre dependentes do Senhor.¹⁴⁹ Recorda-nos ainda, que a melhor forma de seguimento se encontra no cumprimento da vontade de Deus.¹⁵⁰ Tudo está em torno de Jesus, do contemplá-Lo e de ver o que fez por nós, assumindo seus sentimentos, confrontando nossas atitudes com as suas, até nos configurarmos a Ele.¹⁵¹

¹⁴⁰ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 3,2,9.

¹⁴¹ Cf. Id., Livro da Vida, 13,13. Lembramos que as referências feitas ao Livro da Vida se baseiam no fato de que os escritos se referem ao primeiro grau de oração, que no esquema teresiano conclui-se precisamente nas terceiras moradas.

¹⁴² Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 13,13.

¹⁴³ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 95.

¹⁴⁴ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 3,1,8.

¹⁴⁵ Cf. Ibid., 3,1,8.

¹⁴⁶ Cf. Lc 5,11.

¹⁴⁷ Cf. Mc 8,34-38.

¹⁴⁸ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 3,1,8; Cf. Lc 7,10.

¹⁴⁹ Cf. Ibid., 3,1,8.

¹⁵⁰ Cf. Ibid., 3,2,6.

¹⁵¹ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 260-261.

6.2.3. A Sagrada Humanidade de Cristo nas quartas moradas

Será nas quartas moradas que Teresa nos falará do que ela mesma denominou como experiências sobrenaturais, quando se chega ao recolhimento adquirido.¹⁵² Tempo em que o orante fixa seu olhar e seu coração em Jesus: “A pessoa pode imaginar que está diante de Cristo e acostumar-se a enamorar-se da Sua Sagrada Humanidade, tendo-O sempre consigo [...]”¹⁵³, para que na oração de recolhimento “[...] fique ali com Ele. Se puder, que se ocupe em ver que Ele o olha, fazendo-Lhe companhia [...]”.¹⁵⁴ O objeto dessa contemplação pode estender-se à toda a criação, porém sempre sob a condução de Jesus Cristo.¹⁵⁵ Os temas da meditação estão centrados em Cristo e o recolhimento adquirido é fruto dessas intensas meditações:

Chama-se recolhimento, porque a alma recolhe todas as faculdades e entra em si mesmo com seu Deus; seu divino Mestre vem ensiná-la com mais brevidade e lhe dá a oração de quietude, de uma maneira que nenhum outro modo de oração propicia. Porque a alma, absorta em si mesma, pode pensar na Paixão, representar ali o Filho e oferecê-Lo ao Pai, sem cansar o intelecto indo procurá-Lo no Monte Calvário, no Horto ou na coluna.¹⁵⁶

Sempre que fala das meditações nessas moradas, Teresa está pensando em Jesus:

Tenho a impressão de que, se então entendesse que nesse palaciazinho da minha alma cabe Rei tão grande, eu não O teria deixado tantas vezes só; de vez em quando estaria com Ele e teria me empenhado mais em não ser tão imperfeita. Que motivo de tanta admiração! Aquele que poderia encher mil mundos, e muitos mais, com a Sua grandeza encerrar-se numa coisa tão pequena!¹⁵⁷

O ser humano se enobrece com a presença do Senhor, suas faculdades intelectuais e afetivas são ungidas pelo encontro com Jesus Cristo, que é a maior nobreza que pode alcançar. A ascensão teresiana em direção a Deus acontece a partir de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. A alma encontra Deus na medida que vai

¹⁵² Antes de continuar, lembramos que S. Castro, em seu artigo *Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía*, p. 216, nos dirá que a oração de recolhimento pertence às terceiras moradas.

¹⁵³ SANTA TERESA, Livro da Vida, 12,2.

¹⁵⁴ *Ibid.*, 13,22.

¹⁵⁵ Cf. *Ibid.*, 13,13.

¹⁵⁶ *Id.*, Caminho de Perfeição, 28,4.

¹⁵⁷ *Ibid.*, 28,12.

sendo cristificada,¹⁵⁸ Ele é o centro de onde emana toda a experiência ascética e mística de Teresa. T. Alvarez nos diz:

Cristo é a primeira realidade sobrenatural que Teresa teve consciência de alcançar com o olhar. Ele lhe serviu de ponte de acesso e de porta de ingresso no novo mundo do transcendente e sobrenatural. E também na contemplação deste primeiro objeto transcendente – Cristo, humanidade e divindade – o mesmo que na exploração do próprio mundo interior, a Santa esteve sujeita a um processo extensivo e intensivo: desde experiências parciais e elementares, até ser introduzida no fundo do mistério em uma contemplação simples e ao mesmo tempo íntima, profunda e permanente do Senhor; posse de uma companhia e desfrute de sua influência, até senti-lo ao lado como testemunha assíduo e vigilante.¹⁵⁹

O estilo de oração que caracteriza profundamente estas moradas será propriamente a oração de recolhimento infuso e a de quietude, que estarão intimamente entrelaçadas pelas referências cristológicas a que se referem.¹⁶⁰ O contato íntimo com Cristo vai nos colocando no ser do próprio Senhor, ao ponto que este vem a ser como que um objeto conatural, único local onde encontramos descanso. Aqui as potências humanas são enobrecidas e recuperam o antigo vigor perdido por causa do pecado¹⁶¹, ou seja, por meio de Cristo volta a encontrar a unidade perdida. É a presença de Cristo, que do fundo da alma chama todos os sentidos à experiência de sua presença. Santa Teresa assim nos descreve este fenômeno¹⁶²:

Vendo-os já animados de boa vontade, o grande Rei que reside no castelo deseja, por Sua grande misericórdia, trazê-los de novo a Si e, como Bom Pastor, com um assovio tão suave que nem mesmo eles quase ouvem, faz que conheçam Sua voz e não andem tão perdidos, mas voltem à sua morada. E tem tanta força esse assovio do Pastor que eles abandonam as coisas exteriores que os absorviam e entram no castelo.¹⁶³

O texto faz referência a passagem do Bom Pastor, do evangelho segundo João¹⁶⁴, e possivelmente a Gálatas 2,20. O Rei que está na morada central, agora se faz Pastor, que acreditamos ser o Cristo Ressuscitado contemplado no *Livro da*

¹⁵⁸ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 97.

¹⁵⁹ TOMAS DE LA CRUZ, *Santa Teresa de Jesus contemplativa*, p. 22-23. [TN].

¹⁶⁰ Cf. CASTRO, S., *Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía*, p. 262.

¹⁶¹ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 4,1,11.

¹⁶² Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 98.

¹⁶³ SANTA TERESA, *op. cit.*, 4,3,2.

¹⁶⁴ Cf. Jo 10,1-21.

Vida 40,5.¹⁶⁵ O Bom Pastor, no centro da alma, chama a si as ovelhas. Sua voz é mais forte que todas as atrações do mundo, o que leva ao rendimento dos sentidos e a infusão de uma sabedoria transcendente, que só pode ser dada a alma pelo próprio Senhor, o que vem a ser o início da vida mística: “É um conhecimento do mistério de Cristo, intuitivo e gozoso, que vai preparando a vontade para sentir uma ação similar, unindo-a a de Jesus Cristo e fazendo que goze de sua presença”.¹⁶⁶ Há nesta morada grande interiorização da pessoa e isto sempre movido por Cristo:

Como estas moradas já se encontram mais perto de onde está o Rei, é grande a sua formosura, havendo coisas tão delicadas para ver e entender que o intelecto não consegue fazê-lo de modo adequado, resultando tudo bastante obscuro para os que não têm experiência.¹⁶⁷

Após a oração de recolhimento infusa, Teresa nos falará da oração de quietude, o que é uma experiência gozosa muito intensa.¹⁶⁸ Esta oração realiza uma espécie de transformação do ser humano em Jesus Cristo:

Percebe-se claramente uma dilatação ou alargamento da alma, tal como se a água que escorre de uma fonte não tivesse para onde dirigir-se, mas a própria fonte fosse de forma tal que, quanto mais água corresse, maior ela se tornasse. Assim parece acontecer nesta oração. Verificam-se também muitas outras maravilhas que Deus opera na alma, com a finalidade de ir capacitando-a e dispondo-a a nela depositar tudo o que puder.¹⁶⁹

Mesmo na oração de quietude, Teresa não prescinde da presença de Cristo. A imagem da fonte quase sempre é aplicada a Ele.¹⁷⁰ Estabelece relação entre estas almas e o justo Simeão com o Menino Jesus nos braços.¹⁷¹ Em *Conceitos do Amor de Deus*, Teresa nos esclarece a este respeito:

A alma não vê o bom Mestre que a instrui, embora compreenda que Ele está com ela; mas fica tão bem instruída e isso tem tão grandes efeitos, e infunde tamanha força, no tocante às virtudes, que a alma não se reconhece depois nem quer fazer ou dizer outra coisa além de louvar ao Senhor. Quando está nesse gozo, tão

¹⁶⁵ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 262.

¹⁶⁶ Id., *Cristologia teresiana*, p. 99. [TN].

¹⁶⁷ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 4,1,2.

¹⁶⁸ Cf. Id., *Caminho de Perfeição*, 31,1-2.

¹⁶⁹ Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 4,3,9.

¹⁷⁰ Cf. *Ibid.*, 4,2,2-4.

¹⁷¹ Cf. Id., *Caminho de Perfeição*, 31,2.

embebida e absorta, ela não parece estar em si, mas numa espécie de embriaguez divina em que não sabe o que quer, nem o que diz, nem o que pede.¹⁷²

São experiências intensas, no entanto, não para serem desejadas. Para nossa mística, o único desejo que deve ter o cristão é o de servir ao Cristo Crucificado, o desejo de padecer por Ele e imitá-Lo.¹⁷³ Aqui, a pessoa começa a perceber que está sendo revestida de Cristo. Primeiro seu entendimento é absorvido pela contemplação da pessoa dele e depois sua vontade, chegando ao “sono das potências”, que consiste em uma junção intensiva da oração de recolhimento e de quietude.¹⁷⁴ A fonte de todos esses fenômenos é Jesus Cristo que vive na alma:

Na primeira oração, Jesus Cristo através de sua voz [...] atraí os sentidos da pessoa até si, adormecendo-os, para poder mais livremente infundir-lhes sua sabedoria divina. Na segunda, Jesus Cristo é como uma fonte que emana dentro da própria alma e que a vai enchendo com sua água, que reverte até o próprio corpo onde se deixam também sentir seus efeitos.¹⁷⁵

Nestas moradas Teresa faz uso da metáfora da luz e da água, para falar da sabedoria divina que ilumina o entendimento e dos gostos que saciam a vontade.¹⁷⁶ De acordo com S. Castro, o conteúdo da experiência teresiana pode ser bem relacionado com a água da Samaritana¹⁷⁷. É a fonte das primeiras moradas, identificada com Cristo, que agora se desdobra e inunda toda a pessoa. Esta mesma fonte reaparecerá nas sextas moradas¹⁷⁸ convertida em mar, onde navega o pequeno barco da alma por entre a impetuosidade das ondas e que mais adiante se converterão em um abismo onde estará totalmente submergida.¹⁷⁹ Cristo é a fonte que inunda todo o ser, é a água da oração de quietude, que brota incontidamente no sono das potências. O poço da Samaritana se tornará uma fonte que chega até níveis de vida eterna.¹⁸⁰

O Rei-Pastor, como o do salmo vinte e três, conduziu seu rebanho até as fontes tranquilas. Nestas moradas também veremos que o Rei e o Pastor se convertem no Esposo da alma e fazendo alusão ao *Cântico dos Cânticos*, Teresa

¹⁷² SANTA TERESA, Conceito do Amor de Deus, 4,3.

¹⁷³ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 4,2,9.

¹⁷⁴ Cf. Ibid., 4,3,11.

¹⁷⁵ CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 101. [TN].

¹⁷⁶ Cf. Ibid., p. 101-102.

¹⁷⁷ Cf. Jo 4,1ss.

¹⁷⁸ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,5,3.

¹⁷⁹ Cf. Ibid., 7,2,8.

¹⁸⁰ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 263-264.

nos dirá: “Sente uma fragrância interior, digamos agora, como se nessa grande profundidade houvesse um braseiro onde se lançassem finíssimos perfumes [...]”¹⁸¹, que são os perfumes do noivo dos cânticos: “Que suave o odor dos teus perfumes [...] Teu nome, aroma penetrante”.¹⁸² Santa Teresa nos apresenta a mística das quartas moradas como melodia que chega aos ouvidos, água que refresca e sacia o coração e perfumes que extasiam.¹⁸³

6.2.4.

A Sagrada Humanidade de Cristo nas quintas moradas

Neste percurso, abrimos nossa reflexão sobre as quintas moradas com a explanação de S. Castro:

A experiência de união consiste desde o ponto de vista psicológico em que Deus já não só se faz presente no entendimento (recolhimento), nem somente na vontade (oração de quietude), mas que chega a fantasia e absorve também as outras faculdades (5M 1,4). O homem encontra-se profundamente centrado no divino. Enfim, com a frase de Teresa é como quem “morreu para o mundo para viver mais em Deus” (5M 1,4).¹⁸⁴

Nas quintas moradas, todas as potências encontram-se como que prisioneiras e absorvidas pela presença de Deus, que se deixa sentir na mesma substância da pessoa.¹⁸⁵ Trata como um olhar de Deus sobre a alma, olhar fixo, arrebatador, penetrante, do qual não se pode duvidar.¹⁸⁶ É o olhar de Cristo que enamora. Tudo acontece no profundo do ser, que ela vai denominar como a adegada do *Cântico dos Cânticos*¹⁸⁷, o cenáculo onde se fez presente o Cristo Ressuscitado¹⁸⁸ ou o sepulcro do Ressuscitado¹⁸⁹. Segundo Teresa, esse grau de oração produz um deleite grandíssimo e muito suave¹⁹⁰ e todas as potências da

¹⁸¹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 4,2,6.

¹⁸² Ct 1,3.

¹⁸³ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 264-265.

¹⁸⁴ Ibid., p. 265. [TN].

¹⁸⁵ A esse respeito alguns de tendência tomista tentaram corrigir a afirmação “se deixa sentir na mesma substância da pessoa”, seguindo a teoria de alguns escolásticos, que ensinam que nenhuma substância é imediatamente operativa. Porém, teresianistas como S. Castro, nos dirão que a experiência de Teresa é mais fidedigna que as especulações filosóficas. Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 102.

¹⁸⁶ Cf. SANTA TERESA, op. cit., 5,1,9.

¹⁸⁷ Cf. Ibid., 5,1,13.

¹⁸⁸ Cf. Ibid., 5,1,13.

¹⁸⁹ Cf. Ibid., 5,1,13.

¹⁹⁰ Cf. Id., Conceitos do Amor de Deus, 5,4.

pessoa se encontram ocupadas por Deus.¹⁹¹ Em alguns momentos a pessoa parece ficar sem forças corporais, chegando a uma situação quase extática¹⁹² e mesmo que essa oração se estenda por muito tempo, não traz nenhum prejuízo à saúde¹⁹³. A pessoa compreende que todos os fenômenos se dão no centro da alma, embora se sinta seu influxo na vontade.¹⁹⁴ Nesta oração, a vontade humana se sente unida ao querer divino:

Que julgais, filhas, ser a Sua vontade? Que sejamos completamente perfeitas, a fim de nos tornar uma só coisa com o Filho e com o Pai, como Sua Majestade pediu. Olhai quanto nos falta para chegar a isso! Digo-vos que escrevo isto com grande pena de me ver tão longe, e tudo por minha culpa. E, para chegarmos, o Senhor não precisa conceder-nos grandes consolos; basta o dom que nos fez, enviando Seu Filho para ensinar-nos o caminho.¹⁹⁵

Neste estado espiritual a alma é chamada a deixar-se para pôr-se em Cristo, não mais vivendo para que Ele viva.¹⁹⁶ Teresa constata que esse tipo de oração não pode durar muito, que passa em breve. A pedagogia divina a utiliza em vistas a preparar as pessoas para estados superiores.¹⁹⁷ Esta forma de mística faz com que a pessoa se sinta renovada, renascida e como que em posse de uma natureza nova. Sente-se de tal maneira transformada, que percebe que é a presença divina que atua nela¹⁹⁸:

Deus se fixa a Si mesmo no interior da alma de modo que, quando esta volta a si, de nenhuma maneira pode duvidar que esteve em Deus e Deus nela. Essa verdade se imprime nela com tanta firmeza que, ainda que passem anos sem Deus voltar a conceder-lhe essa graça, nem a alma se esquece nem pode duvidar de que esteve na presença divina.¹⁹⁹

A vontade de Deus, com a qual se une a vontade humana, consiste no caminho ensinado por Jesus Cristo.²⁰⁰ A união tem como meta a transformação da pessoa em Cristo, chegando a ter os seus mesmos sentimentos. Para falar-nos dessas moradas, santa Teresa usa a imagem do bicho da seda que se tornará borboleta, mas que para isso, precisa morrer: “Tendo, pois, se desenvolvido – que

¹⁹¹ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,1,4.

¹⁹² Cf. *Ibid.*, 5,1,4.

¹⁹³ Cf. *Id.*, Conceitos do Amor de Deus, 5,4-5.

¹⁹⁴ Cf. *Id.*, Castelo Interior ou Moradas, 5,1,5; 5,3,3.

¹⁹⁵ *Ibid.*, 5,3,7.

¹⁹⁶ Cf. *Id.*, Livro da Vida, 18,14.

¹⁹⁷ Cf. *Ibid.*, 18,12.

¹⁹⁸ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 103.

¹⁹⁹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,1,9.

²⁰⁰ Cf. *Ibid.*, 5,3,7.

é o que disse no princípio disto que escrevi –, a lagarta começa a fabricar a seda e a edificar a casa onde há de morrer”.²⁰¹ E Teresa continua: “Eu gostaria de explicar que essa casa é, para nós Cristo”²⁰². De acordo com S. Castro, nesta frase está a chave hermenêutica de todas as obras teresianas. A meta desse caminho espiritual é que a pessoa sinta que já não é ela quem vive, mas que no mais íntimo, na medula de seu eu, o realmente vital e substancial é Cristo.²⁰³ E fundamentada nas Escrituras, Teresa nos diz: “Creio ter lido ou ouvido em algum lugar que a nossa vida está escondida em Cristo ou em Deus – o que é a mesma coisa – ou que nossa vida é Cristo. Para o meu propósito qualquer uma dessas expressões serve”.²⁰⁴

Ao nos trazer a imagem da adega, mostra a alma que se sente embriagada pelo amor divino, aberta às disposições divinas. Percebe que o amor de Deus a penetra e a toma por inteiro. É uma experiência cristológica: “Vede aqui, irmãs, o que o nosso Deus faz para que essa alma já se tenha por Sua: dá-lhe do que tem, que foi o que o Seu Filho teve nesta vida. E não nos poderia conceder maior graça”.²⁰⁵ Refere-se aos sentimentos de Jesus em dar cumprimento à vontade do Pai pela redenção dos homens. Assim, como Cristo, a alma experimenta que sua única preocupação é o cumprimento da vontade de Deus e já não teme nenhum sofrimento proveniente deste percurso. Sofre por ver as ofensas feitas a Deus e a partir dessa experiência fala dos sentimentos da alma do Senhor:

[...] se uma alma com tão pouca caridade, comparada com a de Cristo (pode-se dizer que é quase nenhuma), sente tão atroz sofrimento, qual não terá sido o sentimento de nosso Senhor Jesus Cristo? E que vida terá sido a Sua, Ele que via todas as coisas e a Quem não escapava nenhuma das grandes ofensas que se faziam a Seu Pai? Não tenho dúvida de que esses sofrimentos de Cristo foram muito maiores do que os da Sua sacratíssima Paixão [...].²⁰⁶

Vemos que toda essa morada está referida a pessoa de Jesus, que é a presença de Deus impressa na alma:

Levou-me o Rei à adega dos vinhos, ou introduziu-me, creio eu. E não diz que ela entrou por si mesma. Fala também que andava procurando seu Amado por todos os lados. Segundo entendo, essa é a adega onde nos quer introduzir o Senhor, quando

²⁰¹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,2,4.

²⁰² Ibid., 5,2,4.

²⁰³ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 104.

²⁰⁴ SANTA TERESA, op. cit., 5,2,4.

²⁰⁵ Ibid., 5,2,13.

²⁰⁶ Ibid., 5,2,14.

deseja e como deseja. Mas, por mais esforços que envidemos, por nós mesmos não conseguimos entrar. Sua Majestade é Quem vai nos introduzir, entrando também Ele no centro de nossa alma. E, para melhor mostrar Suas maravilhas, Ele não quer que participemos disso mais do que rendendo inteiramente a nossa vontade à Sua. Tampouco deseja que se Lhe abra a porta das faculdades e dos sentidos, pois todos estão adormecidos; é Ele quem entra no centro da alma sem porta alguma, como entrou onde estavam seus discípulos quando disse *Pax vobis* ou quando saiu do sepulcro sem levantar a pedra.²⁰⁷

Tanto os fenômenos quanto os efeitos, estão diretamente conectados à pessoa de Jesus Cristo. Deus toca a alma em sua essência e este toque quem efetua é Cristo, a quem a alma vai sentindo cada vez mais presente, com a impressão de que está se transformando nele. Depois desse encontro, os efeitos são vistos de forma clara na prática concreta da vida cristã. Santa Teresa diz que tudo vem da intimidade com Jesus Cristo:

Mas, quando esse Esposo riquíssimo a quer enriquecer e regalar mais, converte-a tanto em Si que ela, como alguém que desmaia devido a um grande prazer e contentamento, tem a impressão de estar suspensa naqueles braços divinos e encostada àquele sagrado lado e àqueles peitos divinos. Ela não sabe mais que gozar, sustentada por aquele leite divino que o Esposo vai criando para ela, melhorando-a para poder regalá-la e para que ela mereça cada dia mais. Quando desperta daquele sonho e daquela embriaguez celestial, a alma fica como que espantada e abobada, num santo desatino.²⁰⁸

Tudo vem de Cristo. Sua presença é o vinho que produz a embriaguez do espírito. É Ele a cristificar a alma. Teresa identifica o Esposo do *Cântico dos Cânticos* com o Jesus do evangelho de João. A alma experimenta que a história da salvação se faz em si. Podemos dizer que, em santa Teresa, a contemplação é a concentração de todas as nossas faculdades na pessoa de Jesus Crucificado-Ressuscitado. É a luz que vem de Cristo que leva a alma aos fenômenos inerentes à vida mística. Enfim, Cristo ocupa o lugar central dessas moradas. É em Cristo que se dá o encontro com Deus e é por meio dele que acontece a união com a vontade divina.²⁰⁹ Esta união se resume para Teresa no preceito do amor, no duplo preceito da primeira carta de São João²¹⁰: “Se entendêsseis a real importância dessa virtude, – amor ao próximo – não teríeis outro anseio na vida”.²¹¹

²⁰⁷ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,1,12.

²⁰⁸ Id., Conceitos do Amor de Deus, 4,4.

²⁰⁹ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 105-107.

²¹⁰ Cf. 1Jo 4,7-21.

²¹¹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 5,3,10.

6.2.5.

A Sagrada Humanidade de Cristo nas sextas moradas

Adentramos agora nas sextas moradas, extremamente próximas ao matrimônio espiritual, onde, de acordo com Teresa, não há separação, não há portas fechadas entre essas e as sétimas moradas.²¹² É o tempo de profunda purificação da alma, até que essa experimente a vida espiritual como uma história de amor entre si e Cristo, que terminará na transformação total nele. Podemos dizer que o sétimo capítulo dessas moradas, assim como o capítulo vinte e dois do *Livro da Vida*, são centrais para compreender o pensamento de Teresa acerca da pessoa de Jesus Cristo, mais diretamente, sobre sua Sagrada Humanidade. A partir do que nos expõe Teresa, compreendemos que, mesmo nos encontrando em um grau de oração de profundos fenômenos místicos, não podemos entender que isso ocorra fora da Humanidade de Cristo. Ao contrário, nossa santa nos faz ver que toda a experiência que se dá aqui, tem sua origem e fonte na própria Humanidade do Senhor. Já no título dos dois capítulos mencionados Teresa explicita sua compreensão acerca da Humanidade de Cristo.

No *Livro da Vida* dirá: “[...] a contemplação mais sublime é a Humanidade Cristo”²¹³. Não apenas Cristo como Verbo, mas como homem, é o meio para subir aos mais altos graus da perfeição. Em *Castelo Interior ou Moradas*: “Diz o grande erro que é não se exercitar, por mais espiritual que se seja, em ter presente a Humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, bem como a sua sacratíssima Paixão e vida [...]”²¹⁴, ensinando-nos, a partir de sua experiência e maturidade espiritual, que separar-se da Humanidade de Cristo em vista de uma mais intensa espiritualização, é um grande erro. É certo na doutrina teresiana que, quem prescinde da Humanidade de Cristo, não pode seguir adiante na vida espiritual. É indispensável tomar Cristo como o verdadeiro e único guia de nossas vidas, o Caminho que nos conduz pelas estradas da intimidade com Deus:

[...] Que grave engano afastar-se propositalmente de todo o nosso bem e remédio, que é a sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo. [...] Posso pelo menos assegurar que essas pessoas não entram nestas duas últimas moradas, porque, se perderem o guia – que é o bom Jesus –, não darão com o caminho. Muito já será se ficarem nas outras moradas com segurança. O próprio Senhor nos

²¹² Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,4,4.

²¹³ Id., *Livro da Vida*, 22 (título).

²¹⁴ Id., *Castelo Interior ou Moradas*, 6,7 (título).

diz que é caminho, assim como luz, e que ninguém pode chegar ao Pai senão por Ele. 'Quem me vê vê a meu Pai'.²¹⁵

Esse texto aponta para o radical cristocentrismo da oração teresiana. Nos mostra que a presença de Cristo, é gradativamente mais necessária, conforme aumenta a interiorização da pessoa e a intensidade de sua vida espiritual. Separar-se da Humanidade de Cristo, agarrando-se apenas à sua Divindade, por pensar ser esse o caminho para a subida espiritual, é um ato de soberba:

Uma delas é certa falta de humildade, estando esta tão escondida e dissimulada que não a sentimos. E quem será o orgulhoso e miserável, como eu, que, quando tiver passado toda a vida com todas as penitências, orações e perseguições que se puderem imaginar, não se considere muito rico e muito bem pago, quando o Senhor lhe consente ficar ao pé da Cruz com São João?²¹⁶

E diante da realidade espiritual de seu tempo nos diz:

Bem-aventurado quem O amar de verdade e sempre O tiver junto a si. Contemplemos o glorioso São Paulo, de cuja boca só saía o nome de Jesus, tão bem gravado o tinha no coração. Observei com cuidado, depois que compreendi isso, alguns santos, grandes contemplativos, que não seguiam outro caminho. São Francisco dá mostras disso nas chagas; Santo Antônio de Pádua, no Menino; São Bernardo se deleitava com a Humanidade; Santa Catarina de Sena... e tantos outros que vossa mercê conhece melhor do que eu.²¹⁷

No capítulo vinte e dois do *Livro da Vida*, Teresa deixa clara a direção cristológica de sua doutrina. Todas as suas relações com Deus se efetuam através da pessoa de Cristo. Os diversos graus de oração são contatos, mais ou menos intensos, com Jesus Cristo e a meta última de sua espiritualidade é transformar-se em Jesus Cristo e ter seus sentimentos²¹⁸:

Assim, que vossa mercê, senhor, não deseje outro caminho, mesmo que esteja no auge da contemplação; pois esse caminho é seguro. É por meio desse Senhor nosso que nos vêm todos os bens. Ele o ensinará; o melhor modelo é contemplar a Sua vida.²¹⁹

Nessas moradas os encontros com Cristo se tornam muito frequentes e íntimos, chegando a produzir uma série de fenômenos místicos que serão destinados a preparar a pessoa para o encontro definitivo com o Senhor:

²¹⁵ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,7,6.

²¹⁶ Id., Livro da Vida, 22,6.

²¹⁷ Ibid., 22,7.

²¹⁸ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 112.

²¹⁹ SANTA TERESA, Livro da Vida, 22,7.

Com o favor do Espírito Santo, falemos, pois, das sextas moradas, onde a alma, já ferida pelo amor do Esposo, procura mais ocasiões de estar a sós e deixar – de acordo com o seu estado – tudo quanto possa atrapalhar essa solidão. Está tão esculpida na alma aquela visão que todo o seu desejo é voltar a fruí-la.²²⁰

A fonte que se encontrava no interior do ser, agora tornou-se mar.²²¹ A alma não resiste a tantos ímpetos e cai em profundo arrebatamento e em meio deles tem lugar a aliança de noivado.²²² Desta experiência cristológica, estenderá seu olhar à história da salvação²²³ e compreenderá a escada de Jacó²²⁴ e a passagem de Moisés na sarça²²⁵, experiências muito intensas que denominará como as joias do Esposo^{226 227}.

A imagem de Cristo vai sendo cada vez mais impressa no ser humano, produzindo a purificação dos sentidos e ao mesmo tempo um gozo especial. Trata-se de uma presença que os sentidos mais purificados captam mais facilmente. Nessas moradas as locuções são uma forma de Cristo entrar em contato com a alma. Teresa aponta algumas maneiras de escutar Cristo, não deixando dúvidas de ser Ele quem fala e não mera imaginação ou obra do demônio.²²⁸ Aos poucos, a interiorização do ser humano vai chegando ao ponto culminante. A pessoa percebe, desde o centro de sua alma, que Cristo deixa-se sentir de uma maneira especial em todo o ser. Entende que a religiosidade vem de dentro, que o Reino de Deus se encontra em si e que a vocação cristã tem por meta a cristificação de toda a pessoa. É o movimento de Cristo em toda a alma e que terá sempre um dinamismo santificante²²⁹:

Uma das maneiras é que estando a alma (mesmo fora da oração) tocada por alguma palavra de Deus que ouve ou recorda, parece que Sua Majestade, a partir do interior da alma, faz crescer a centelha que já mencionamos, movido pela piedade de vê-la padecer tanto tempo com desejo Dele. Abrasando-se toda, tal outra fênix, ela se renova por completo. E, segundo piedosamente se pode crer, tem perdoadas

²²⁰ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,1,1.

²²¹ Cf. *Ibid.*, 6,5,3.

²²² Cf. *Ibid.*, 6,4,2.

²²³ Cf. *Ibid.*, 6,4,6-7.

²²⁴ Cf. Gn 28,12.

²²⁵ Cf. Ex 3,1-6.

²²⁶ Cf. SANTA TERESA, *op. cit.*, 6,5,11.

²²⁷ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 269.

²²⁸ Cf. SANTA TERESA, *op. cit.*, 6,3,1.

²²⁹ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 113-114.

as suas culpas [...] E, assim purificada, o Senhor a une Consigo, sem que ninguém o possa entender, a não ser os dois.²³⁰

Como dito anteriormente, todos os fenômenos místicos, sejam os “voos do espírito”²³¹, as visões²³², ou outros, estão alicerçados em Cristo e são formas de colaborar com a cristificação da pessoa. Teresa foi agraciada com maravilhosas visões de Cristo, muitas correspondentes as sextas moradas. Irá distingui-las como intelectuais²³³ e imaginárias²³⁴, portanto, sempre imagens cristológicas, que, junto aos demais fenômenos místicos, tem o objetivo de ir apagando da alma a marca do pecado, fazendo com que a imagem de Jesus Cristo, que se encontra no mais íntimo do espírito, apareça com maior nitidez e claridade. Na medida que essa imagem vai aflorando, as raízes do pecado original e dos pecados pessoais vão enfraquecendo. Estamos em pleno processo de justificação. Para Teresa a justificação é intrínseca, endógena e transformativa; o ser humano participa de maneira vital da pessoa de Jesus Cristo. Para nossa santa, ser cristão se determina não por uma vinculação extrínseca, mas por uma relação intrínseca-vital à pessoa do Senhor.²³⁵

Graças às experiências cristológicas a alma vai se libertando de certas inclinações para o pecado. As visões e locuções de Jesus Cristo purificam a pessoa de maneira profunda, de forma que nenhum esforço ascético, por maior que tenha sido, fora capaz de produzir. A doutrina teresiana sobre a purificação e santificação se encontra implícita na doutrina paulina acerca do novo Adão, do velho homem e do homem novo. Aquele que chega a essas moradas experimenta que foi renovado e recriado por Jesus Cristo, é uma nova criatura. Esse processo não se dá fora do Senhor. Ele é o fim da oração teresiana e também é o meio através do qual Deus santifica e purifica o crente. A contemplação da pessoa do Senhor aniquila o que de pecaminoso exista na alma.²³⁶

A repetição e a frequência das visões cristológicas criam na alma uma espécie de necessidade de Jesus Cristo. Nas sextas moradas vemos a pessoa como um ser aberto radicalmente a Ele, um ser com necessidade ontológica e

²³⁰ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 6,4,3.

²³¹ Cf. Ibid., 6,5,3.

²³² Cf. Ibid., 6,8,1.

²³³ Cf. Ibid., 6,8,2.

²³⁴ Cf. Ibid., 6,9,3.

²³⁵ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 117-118.

²³⁶ Cf. Ibid., p. 118.

psicológica de diálogo com Jesus Cristo. A doutrina de santa Teresa apresenta o humano em busca de Deus, em seu desejo de ver a Deus, de entrar em contato com o Absoluto, manifesto na necessidade de ver, dialogar e encontrar-se com Jesus Cristo, que é a imagem e a expressão vivente de Deus para a humanidade. A alma nessas moradas vive a tensão crística de se sentir destinada desde o mais profundo de si a Jesus Cristo, porém, sem ainda ter atingido a meta; é noiva, porém, não é esposa; percebe que seu ser está se convertendo em Jesus Cristo, porém, ainda não se transformou nele; o segue, porém, ainda não o alcançou. A alma revive a história do Êxodo, está em marcha em busca do Esposo. Os fenômenos místicos têm a função pedagógica de purificar e preparar para a transformação definitiva em Jesus Cristo.²³⁷

Como vimos, será nestas moradas que Teresa falará de uma dupla noite escura. A primeira noite, a que aparece no capítulo primeiro, se referirá a obscuridade de Deus. Podemos resumi-la nestas palavras: “De fato, são muitas as coisas que a assaltam com uma angústia interior, de maneira tão sensível e intolerável que não sei com que compará-las senão aos tormentos que se padecem no inferno. Durante a tempestade, nenhum consolo dá alívio”.²³⁸ Já a outra noite apresenta um Deus inalcançável. Sente desejos indescritíveis, porém não pode chegar a Ele. Experimenta-se uma solidão estranha²³⁹:

Abrasada com essa sede, não pode chegar à água. E não é sede que se possa suportar, mas tão excessiva que nenhuma água a aplacaria. A própria alma não deseja aplacá-la, a não ser com a água de que Nosso Senhor falou à samaritana (Jo 4,7-13). E essa ninguém lhe dá.²⁴⁰

As sextas moradas estão repletas de luzes e de noites que deixam a alma sedenta de Cristo.²⁴¹ Dela adentramos nas sétimas moradas.

6.2.6.

A Sagrada Humanidade de Cristo nas sétimas moradas

Daqui partimos para as sétimas moradas, onde a presença de Cristo é muito mais intensa que nas moradas precedentes:

²³⁷ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, 119.

²³⁸ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 6,1,9.

²³⁹ Cf. *Ibid.*, 6,11,5.

²⁴⁰ *Ibid.*, 6,11,5.

²⁴¹ Cf. CASTRO, S., *Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía*, p. 269-270.

Talvez julgueis que isso não fosse novidade, pois o Senhor já tinha se apresentado outras vezes a essa alma de tal modo. Todavia, dessa vez foi tão diferente que a deixou desatinada e espantada. Em primeiro lugar, porque a visão se revestiu de grande força; e, em segundo, em função das palavras ditas. No interior de sua alma – onde o Senhor lhe apareceu –, essa pessoa nunca tivera outras visões, a não ser a passada. E entendi que há enorme diferença entre todas as visões passadas e as desta morada. Há tão grande distância entre o noivado e o matrimônio espiritual quanto a que existe entre os que apenas são noivos e os que já não podem separar-se.²⁴²

Neste estágio os fenômenos místicos são tratados com maior naturalidade. As faculdades se encontram mais fortalecidas e longe de caírem absortas, sentem como se seu objeto de percepção fossem essas realidades sobrenaturais. Os fenômenos místicos robustecem as faculdades humanas, enobrecem e aumentam sua capacidade para captar a presença do Senhor. Uma das características das sétimas moradas é que nelas tem lugar a transformação da alma em Deus, o matrimônio espiritual²⁴³:

Talvez seja isso o que disse São Paulo: O que se eleva e se une a Deus faz-se um só espírito com Ele (1Cor 6,17). É possível que se refira a esse soberano matrimônio, onde se pressupõe que Sua Majestade já aproximou a alma de Si, por meio da união. E o Apóstolo também diz: *Mihi vivere Christus est mori lucrum* (Fl 1,21). Parece-me que o mesmo pode dizer a alma aqui, porque é onde a borboletinha a que nos referimos morre, fazendo-o com grandíssimo deleite, porque sua vida já é Cristo.²⁴⁴

S. Castro nos dirá:

A graça do matrimônio não é algo que aconteça apenas uma vez. A primeira se realiza por visão imaginária, depois sempre terá lugar mediante a intelectual (7M 2,3). A primeira vez deu-se dentro da celebração da eucaristia (7M 2,1); e se representou o Senhor “depois de comungar com forma de grande resplendor, beleza e majestade, como depois de ressuscitado” (7M 2,1). Mística, liturgia e páscoa. Mística, pois, essencialmente cristã. Desde aqui se evidência a distância em que se situa a mística teresiana da mística em geral. E ali no centro da alma o Senhor pronuncia as palavras de aliança (7M 2,1; R 29).²⁴⁵

A espiritualidade teresiana tem por fim Jesus Cristo. Morre o “homem velho” e ressuscita o “homem novo”, feito a imagem de Cristo. O ser humano sente que se transforma em Jesus Cristo sem aniquilar-se. A humanidade se enobrece a partir de dentro devido à presença de Cristo que penetra até os últimos

²⁴² SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,2.

²⁴³ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 120.

²⁴⁴ SANTA TERESA, op. cit., 7,2,5.

²⁴⁵ CASTRO, S., *Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía*, p. 271. [TN].

poros de sua realidade. Nas sétimas moradas, Teresa nos diz que Sua Majestade quer mostrar-se por visão imaginária de sua Sacratíssima Humanidade, para que se compreenda o soberano dom que se está recebendo.²⁴⁶ O matrimônio espiritual tem como término Jesus Cristo e é Ele quem transforma a alma em si.²⁴⁷ Vejamos como santa Teresa nos narra essa realidade:

Então o Senhor me foi representado numa visão imaginária, como em outras vezes, bem no meu íntimo. Dando-me Sua mão direita, disse-me: “Olha este prego, que é sinal de que serás Minha esposa de hoje em diante. Até agora não o tinhas merecido; doravante, defenderás Minha honra não como Criador, como Rei e como teu Deus, mas como verdadeira esposa Minha: Minha honra é a tua, e a tua, Minha”.²⁴⁸

Referindo-se as visões intelectuais dirá: “O Senhor aparece no centro da alma sem visão imaginária, mas intelectual, ainda mais sutil do que as mencionadas, tal como surgiu aos Apóstolos, sem entrar pela porta, quando lhes disse: *Pax vobis*”.²⁴⁹ Teresa chega à percepção mais profunda do seu próprio ser. Percebe claramente que o centro da ação de Cristo se encontra dentro do seu ser, no centro da alma, no mais recôndito de si. É no mais íntimo da pessoa humana que se realiza o matrimônio entre ela e Jesus Cristo. Ela é tocada por essa graça em seus centros vitais, é santificada, purificada e enobrecida a partir de suas raízes mais profundas.²⁵⁰

Nas sétimas moradas será percebida a presença da Santíssima Trindade, o que talvez seja o fruto principal desse grau de oração. É como se o ser humano estivesse em seu limite na percepção do divino, sendo tomado por uma sabedoria especial que o faz intuir algo das profundezas do mistério divino:

Introduzida a alma nesta morada, mediante visão intelectual se lhe mostra, por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade – Deus em três Pessoas: Primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus. Dessa maneira, o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma, porque não se trata de visão imaginária. Na sétima morada, comunicam-se com ela e lhe falam as três Pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no

²⁴⁶ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,1.

²⁴⁷ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 120-121.

²⁴⁸ SANTA TERESA, As Relações, 35.

²⁴⁹ Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,2,3.

²⁵⁰ Cf. CASTRO, S., op. cit., p. 122.

Evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que O ama e segue Seus mandamentos.²⁵¹

Também esta experiência trinitária está vinculada à pessoa de Jesus. Ele é quem conduz aos esplendores da Trindade. É Ele que vai cristificando todas as potências e capacidades humanas, até chegar a ser a vida da própria alma:

[...] assim também se entende com clareza que há no interior da alma Alguém que lança essas setas e dá vida a essa vida. Um sol de onde provém uma grande luz, enviada do interior da alma às faculdades. Ela – como eu já disse – não sai desse centro nem perde a paz. O próprio Senhor que a deu aos apóstolos, quando estavam juntos, é poderoso para dá-la também a ela.²⁵²

Santa Teresa não deixa de recorrer aos Evangelhos para explicitar o matrimônio espiritual:

De fato, não há dúvida de que, ao esvaziar-nos de tudo o que é criado e ao desaparecer-nos dele por amor a Deus, o próprio Senhor preenche a nossa alma de Si mesmo. E assim, orando uma vez Jesus Cristo, Nosso Senhor, por Seus apóstolos – não sei em que passagem – disse que fossem uma só coisa com o Pai e com Ele, tal como Ele, Jesus Cristo, está no Pai e o Pai Nele. Não sei que maior amor possa haver! Nessa súplica estamos todos incluídos, pois assim o disse Sua Majestade: Não rogo só por eles, mas por todos aqueles que também hão de crer em mim. E acrescentou: Eu estou neles.²⁵³

Dentre todos os efeitos do matrimônio espiritual, o mais importante é que a pessoa se sente transformada em Cristo. A pessoa se esquece de si mesma e suas coisas, seu desejo se encontra dirigido exclusivamente à glória de Deus. Um outro efeito é o desejo de padecer por Deus: “A sua glória está em poder ajudar em alguma coisa o Crucificado”.²⁵⁴ Estas almas experimentam uma paz inalterável, como se tivesse voltado a ter a natureza pura e sem mancha saída das mãos de Deus nos dias da criação.²⁵⁵ Todas essas experiências têm por objetivo capacitar a pessoa para que possa imitar a vida de Cristo: “Sabeis o que significa ser de fato espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com o Seu selo, o da Cruz. Assim nos poderá vender como escravos de todo mundo, como Ele próprio foi”.²⁵⁶

É à luz dessa experiência cristológica que Teresa compreende a si mesma. Somente a partir de Cristo pode compreender as profundezas e os mistérios que

²⁵¹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,1,6.

²⁵² Ibid., 7,2,6.

²⁵³ Ibid., 7,2,7.

²⁵⁴ Ibid., 7,3,6.

²⁵⁵ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 124-125.

²⁵⁶ SANTA TERESA, *op. cit.*, 7,4,8.

existem em si, pois nossas faculdades encontram sua maturidade quando tocadas em suas raízes pela pessoa de Cristo. Aqui temos um verdadeiro humanismo cristão, pois Teresa só encontrou a si mesma quando desvelou em sua pessoa a imagem de Cristo que estava oculta em seu “eu”.²⁵⁷ Teresa compreende que não se pode chegar a Deus senão através de Cristo. O Ressuscitado se faz presente no cristão e a meta é esse encontro, que se dá a nível existencial e não através de mero conhecimento. A purificação do ser humano, em Teresa, acontece não apenas por meio dos vários sofrimentos que enfrenta, mas, principalmente, através do encontro transformante com Jesus Cristo, expressão vivente de Deus dirigida à humanidade:

Ninguém pode conhecer o Pai sem o Verbo de Deus, isto é, sem o Filho que o revela. Também não se conhece o Filho sem a vontade do Pai. O Filho faz a vontade do Pai, pois o Pai o envia. O Filho é enviado e vem a nós. Assim o Pai, que é para nós invisível e incognoscível, torna-se conhecido por seu próprio Verbo. Ora, só o Pai conhece seu Verbo, como o manifestou o Senhor. Por isto o Filho nos leva ao conhecimento do Pai mediante a sua própria encarnação. Com efeito, a manifestação do Filho é o conhecimento do Pai. Na verdade, tudo nos é revelado pelo Verbo. [...] Crer nele é viver segundo sua vontade. [...] No início, sendo o Filho presente à sua criatura, ele revela o Pai a todos a quem o Pai quer, quando quer e como quer.²⁵⁸

Nas sétimas moradas vemos que santa Teresa chega ao auge de sua experiência²⁵⁹. A alma alcança o centro do eu²⁶⁰, descobrindo o profundo sentido da interioridade e do recolhimento. Até então pensava que a experiência vinha de fora²⁶¹, agora compreende que a experiência se realiza dentro, e essa percepção da presença de Cristo Ressuscitado dentro de si é a essência de sua mística. As Pessoas Divinas dilatam o ser de Teresa por meio desse matrimônio cristológico. É importante lembrarmos que o matrimônio foi precedido de experiências trinitárias²⁶², que na compreensão de Mas Arrondo vieram preparando Teresa para essa especial graça. Depois da experiência do Cristo totalizante se plenifica a experiência trinitária e se compreende o mistério do homem.²⁶³ R. Londoño nos dirá:

²⁵⁷ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, 125-126.

²⁵⁸ IRENEU DE LIÃO, *Contra as heresias: denúncia e refutação contra a falsa gnose*, p. 182.

²⁵⁹ Cf. MAS ARRONDO, A., *Acercar al cielo*, p. 246.

²⁶⁰ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,1,3.

²⁶¹ Cf. *Ibid.*, 7,2,3.

²⁶² Cf. *Id.*, *As Relações*, 16;24;25,2;33,1-2; *Id.*, *Livro da Vida*, 27,9; 39,25.

²⁶³ Cf. MAS ARRONDO, A., *Teresa de Jesús em el matrimonio espiritual*, p. 185.

É interessante constatar que a Santa nas sétimas Moradas, está fazendo, em 1577, uma sistematização da experiência vivida ao menos desde maio de 1571, quando nos apresenta sua surpresa e assombro ante sua primeira experiência estritamente trinitária (R 16,1). É uma experiência vivida no contexto do noivado, porém antes da primeira experiência do matrimônio espiritual testemunhado pela primeira vez em novembro de 1572 (R 35).²⁶⁴

No entanto, a meta dessas moradas é o matrimônio espiritual, mesmo que esse deva ser lido em contexto trinitário prévio e posterior. A experiência trinitária só atinge seu cerne quando acontece a transformação em Cristo.²⁶⁵ Vejamos o que nos diz R. Londoño:

Apesar desta invasão e permanência da presença trinitária precisamos notar que a consumação do matrimônio se realiza com a Humanidade Santíssima de Cristo. Este é, como temos afirmado [...] um dos aspectos de maior novidade neste cume experiencial teresiano.²⁶⁶

O matrimônio expressa a união com Jesus Cristo e através desta a união com o Pai, assim como a paz profunda resultante da mesma, e para expressar essa experiência Teresa recorre a textos evangélicos-cristológicos, conforme destaca, Mas Arrondo:

A linguagem simbólica nupcial determina o Matrimônio Espiritual como uma relação de encontro entre pessoas, esposa e esposo. Com um fundo tipicamente cristão e de clara referência bíblica, tanto em Cântico dos Cânticos, como pela estrutura da Aliança. Se esta é a estrutura fundante do pensamento teresiano, significa que o resto das linguagens empregadas devem ser consideradas subordinadas a esta.²⁶⁷

Trata-se de uma união completa a Cristo e Teresa dirá que é como a união da água que cai do céu em um rio e já não podem se separar.²⁶⁸ Transformada em Cristo, a pessoa participa de seus sentimentos²⁶⁹, orientando toda a sua existência a ajudar o Crucificado²⁷⁰. Não tendo outro desejo, sua vontade está plenamente identificada com Deus. Todas as graças são dadas para que a pessoa possa imitar a Cristo em sua Paixão: “[...] essas graças visam fortalecer a nossa fraqueza [...]

²⁶⁴ CUARTAS LONODOÑO, R., Experiencia trinitária de Santa Teresa de Jesús, p. 530. [TN].

²⁶⁵ Cf. CASTRO, S., Jesucristo, plenitud de Moradas, o Moradas, la revelación de una cristofanía, p. 271.

²⁶⁶ CUARTAS LONODOÑO, R., loc. cit. [TN].

²⁶⁷ MAS ARRONDO, A., Teresa de Jesús em el matrimonio espiritual, p. 398. [TN].

²⁶⁸ Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,4.

²⁶⁹ Cf. Ibid., 7,3,2-7.

²⁷⁰ Cf. Ibid., 7,3,6.

para podermos imitá-Lo nos grandes sofrimentos”.²⁷¹ É um convite a seguir pelos caminhos que trilhou Cristo e seus santos²⁷², tendo como modelo Marta e Maria. Santa Teresa estimula: “Apreciemos a oração e ocupemo-nos dela, não para nos deleitar, mas para ter essas forças para servir. [...] Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-Lo sempre consigo, não O recebendo mal [...]”.²⁷³

Enfim, em *Castelo Interior ou Moradas*, Teresa nos apresenta uma verdadeira manifestação de Cristo. Ele é a centralidade de sua vida de oração e de sua espiritualidade. Fechamos o percurso com a exortação de nossa doutora: “Ponde os olhos no Crucificado e tudo vos parecerá pouco”.²⁷⁴ Ele é o Mestre que ensina os segredos da oração às almas, é a Sabedoria de Deus, é nele que Deus se comunica. Toda a existência terrena de Jesus é um magistério que o cristão deve assimilar se de fato quer entrar na vida espiritual, o que para Teresa é descobrir Jesus Cristo e sua Sagrada Humanidade, presente na vida da pessoa, por meio de palavras e feitos. Nesse percurso, a Sagrada Escritura será uma fonte indispensável, pois, é ali que o cristão poderá meditar sobre a vida de Cristo, contemplar sua existência e viver seus sentimentos.

Além da Sagrada Escritura e da Igreja, Teresa nos dirá que uma outra maneira de sermos guiados por Jesus, é através de uma experiência pessoal e direta de seu mistério, por meio da oração. Tal meio é um convite a todos os homens a quem Cristo está deseioso em dar-se a conhecer e revelar-se.²⁷⁵ Podemos dizer que: “Jesus é um Mestre de oração enquanto com suas palavras nos ensina o modo de orar, e enquanto que esses ensinamentos os encarna em sua própria existência”.²⁷⁶ No cume da vida espiritual, Cristo, com sua Humanidade Sacratíssima, se faz cada vez mais presente com sua companhia, suas palavras, a comunhão de sua vida e a participação em seus mistérios.²⁷⁷ Como novas criaturas, somos chamados a viver a vida do Mestre, a fazer nossos os seus sentimentos. T. Alvarez nos diz:

²⁷¹ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,4,4.

²⁷² Cf. *Ibid.*, 7,4,12.

²⁷³ *Ibid.*, 7,4,12.

²⁷⁴ *Ibid.*, 7,4,8.

²⁷⁵ Cf. *Id.*, *Caminho de Perfeição*, 19,15.

²⁷⁶ CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 137. [TN].

²⁷⁷ Cf. CASTELLANO, J. C., *Cristo imagen y camino del hombre nuevo*, p. 711.

Encontrando-se em Cristo, Teresa percebeu que algo profundo morria em si mesma e que do profundo ela renascia outra. Com outra vida. “É outra vida nova. A de antes era minha. A de depois... é que Deus vivia em mim” (23,1). Agora o próprio Cristo é “sua morada”. Sua vida “é Cristo”. Deus a juntou com “sua grandeza”.²⁷⁸

Cristo a transformou, sua casa agora é o próprio Senhor. Teresa já não é nem mesmo sua figura, porém, nunca foi tão ela como agora. Passará a vida anunciando a experiência da misericórdia de um Deus Amigo. Sua vida dirá da benignidade do Senhor ressuscitado. Cristo é seu “livro vivo”, é sua única sabedoria, sua Humanidade Sacratíssima é “todo nosso bem”²⁷⁹. Com Madre Teresa compreendemos que do amor só pode vir amor.²⁸⁰

E, aqui passamos ao último aspecto de nosso interesse nesse capítulo: a caridade cristã a partir da configuração com Cristo.

6.3. Jesus Cristo no agir teresiano

6.3.1. Oração e virtudes em santa Teresa de Jesus

Nos pontos precedentes, adentramos a espiritualidade teresiana, trazendo para o centro sua cristologia existencial. Vimos que, para Teresa, a Sagrada Humanidade de Cristo, está presente em todo o processo de uma autêntica vida de oração. Entendemos que, a transformação em Cristo é o auge desse processo, e que, a partir das sétimas moradas, quando se dá o matrimônio espiritual entre a pessoa e o Senhor, o viver Cristo se dá no cotidiano da vida, no trato de amor com todos aqueles que estiverem ao nosso redor. “Jesus Cristo, contemplado na oração e imitado nas atitudes fundamentais da vida concreta, é modelo e molde da transformação cristã”.²⁸¹ Vimos que é a oração o caminho da confrontação existencial com Cristo. A oração é comunhão com Ele e conduz a imitá-Lo em uma fidelidade aos processos e etapas da vida espiritual. O fruto maduro da vivência batismal e eucarística é transformar-se em Cristo.²⁸²

A ética teresiana apresenta a oração e a ação provenientes de uma mesma raiz: Jesus Cristo. A pessoa transformada em Cristo, é capacitada pela ação do

²⁷⁸ ALVAREZ, T., Jesucristo en Teresa de Jesús, p. 276. [TN].

²⁷⁹ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 22,6.7.10.17.

²⁸⁰ Cf. Ibid., 22,14.

²⁸¹ CASTELLANO, J. C., Cristo imagen y camino del hombre nuevo, p. 701. [TN].

²⁸² Cf. Ibid., p. 701.

Senhor, para imitar sua vida. A contemplação teresiana, está radicalmente orientada à ética e a ética está dirigida a Jesus Cristo. Desta forma, a santidade consiste em fazer a vontade de Deus e deixar-se guiar pela fé.²⁸³ Na doutrina teresiana é como se houvesse uma osmose entre oração e virtudes. A oração traz consigo a prática das virtudes e a prática cristã das virtudes conduz inevitavelmente à oração. Ambas são partes de um todo.²⁸⁴ Sua meta era Cristo, seja para alcançar a transformação do próprio “eu” nele ou para anunciá-Lo ao mundo. A força para a missão vem do Cristo, princípio de toda graça recebida em oração e fonte de toda a ação realizada em seu nome. Madre Teresa nos mostra que, como a árvore que junto ao córrego aprofunda suas raízes, assim o cristão se sustenta em Jesus Cristo, cuja seiva rega, anima, vivifica e faz frutificar seu espírito.²⁸⁵

A doutrina teresiana aponta Cristo como Caminho, Modelo e Meta²⁸⁶, cujo objetivo é a cristificação da pessoa. Santa Teresa apresenta e propõe uma intensa comunhão de vida junto dele, que é a plena participação em seus mistérios de Paixão e de Glória. Essa experiência se traduz em uma bela pedagogia de amor a Cristo, de convite a olhá-Lo, a escutar suas palavras aproximando-se dele como Mestre, a imitar sua vida e seguir seus exemplos.²⁸⁷ É a abertura a Cristo que conduz à progressiva transformação nele, pois além de ensinar, Ele mesmo comunica suas virtudes e se entrega para fazer do orante uma “pessoa nova”. É um caminho aberto a todos, radicado no batismo e que conduz paulatinamente à maturidade do “homem perfeito”, à “plenitude de Cristo”.²⁸⁸

No percurso teresiano, como já foi visto, podemos dizer que, já nas segundas moradas, a pessoa é chamada a contemplar Cristo, para com Ele viver as virtudes da fortaleza e perseverança no caminho ascético de oração²⁸⁹, rumo ao nascimento da “pessoa nova” que virá desse encontro de amizade. Na continuidade do caminho, vemos outras virtudes necessárias para a progressiva conformação à Cristo:

²⁸³ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 11,13.

²⁸⁴ Cf. Id., Castelo Interior ou Moradas, 7,4,9.

²⁸⁵ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 145-149.

²⁸⁶ Cf. Ibid., p. 151.

²⁸⁷ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 22,6-9; Id., Caminho de Perfeição, 26,2 passim.

²⁸⁸ Cf. Ef 3,14.

²⁸⁹ Cf. CASTELLANO, J. C., Cristo imagen y camino del hombre nuevo, p. 705.

As exigências de Deus são totais e a estas alturas (terceiras moradas) exigem um passo generoso que se traduz na entrega do coração, com o exercício prático de algumas virtudes fundamentais: a caridade para com o próximo, a humildade do conhecimento próprio, o desapego de si em adesão à obediência. Estas virtudes abrem o caminho para Deus que desde agora construirá no homem a imagem de Cristo, o homem novo.²⁹⁰

Logo, pensar em virtudes no caminho teresiano, é pensar em Cristo, debruçar-se na meditação de sua vida, de seus mistérios, para deixar-se transformar por Ele, dando frutos para toda a humanidade. É do amor a Jesus Cristo que irão emergindo na alma as atitudes cristãs fundamentais. A moral para santa Teresa é Cristo e a experiência do Evangelho expresso nos atos humanos. Jesus Cristo é o princípio que atua e move nosso dinamismo espiritual e a meta para onde nos dirigimos. É um modelo, porém, como pessoa, que se relaciona vitalmente conosco e imprime sua imagem na nossa. Ter Cristo como Caminho, Modelo e Meta, na doutrina teresiana, é tê-Lo como Esposo. Por isso, o ideal moral teresiano é um ideal a ser conquistado pelo viés do amor. Partindo desta perspectiva radicalmente cristológica, o ser humano pode ser definido como uma existência aberta para o amor.²⁹¹

Como na espiritualidade paulina, santa Teresa nos convida a ter os mesmos sentimentos que teve Jesus Cristo. A partir desta perspectiva, compreendemos que as virtudes, que para Teresa são a encarnação no ser humano das atividades de Cristo, são também vida, movimento, desenvolvimento e tensão que conduzem até Cristo. Paradoxalmente, as virtudes são o anseio vital-espiritual do ser humano por alcançar Cristo e a manifestação externa de que a pessoa está se transformando nele. Jesus é o paradigma a imitar e o objeto no qual a pessoa tem que transformar-se. Nesse percurso, o exercício das virtudes é o exercício e a prática da amizade com o Senhor, do diálogo com o Mestre. É no Novo Testamento que santa Teresa busca o constitutivo para as virtudes a serem vivenciadas. É ali que se encontra a base da ética de nossa santa doutora, num princípio vital, e não meramente ideológico, já que seu discurso nasce da unidade com uma pessoa viva que é Jesus Cristo. Ela relê os evangelhos à luz de seu amor a Jesus Cristo, captando a mensagem cristã com maior nitidez.²⁹²

²⁹⁰ CASTELLANO, J. C., Cristo imagen y camino del hombre nuevo, p. 706. [TN].

²⁹¹ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 149-151.

²⁹² Cf. Ibid., p. 152-155.

De acordo com S. Castro, mesmo santa Teresa não tendo escrito um tratado sobre as virtudes, basta-nos percorrer seus escritos para nos depararmos com aquelas que são as mais importantes dentro da moral cristã. O autor concentra suas atenções nas virtudes centrais dos escritos teresianos, que seriam as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade, que são as bases para as virtudes da religião, bem como para aquelas fundamentais à vida religiosa: obediência, pobreza, castidade, humildade, entre outras.²⁹³

Na metáfora do bicho da seda, conforme mencionamos, encontramos muitos elementos teresianos que nos ajudam a compreender seu implícito tratado sobre as virtudes cristãs. Ali somos convidados a tecer a casa de nossa própria morte, que para nossa doutora, como vimos, é o próprio Cristo, local onde devemos morrer, para nele renascermos como “pequena borboleta branca”.²⁹⁴ O morrer do qual fala santa Teresa, é apresentado como o fazer obras de virtude, tais como, a penitência, a oração, a mortificação, a obediência, com a firme decisão de que:

Apressemos-nos a fazer esse trabalho e a tecer tal casulo, despojando-nos do nosso amor-próprio e da nossa vontade, do apego a coisinhas da terra, fazendo obras de penitência, oração, mortificação, obediência e tudo o mais que sabeis. Quisera Deus fizéssemos como sabemos e somos ensinadas tudo aquilo que devemos fazer! Morra, morra esse verme, tal como o da seda quando acaba de realizar a obra para a qual foi criado! E comprovareis como vemos a Deus e nos vemos tão introduzidas em Sua grandeza como a lagartinha em seu casulo.²⁹⁵

Para viver a transformação proposta pela espiritualidade teresiana, que nada mais é que o esplendor e a realização do próprio batismo, nossa doutora mística indica caminhos: o da experiência sobrenatural de Deus, por meio da oração de união, que transforma com a força da proximidade de Deus²⁹⁶; e o caminho da vida de caridade, como cumprimento da vontade de Deus²⁹⁷. Então, esta “pessoa nova”, esta vida nova em Cristo, será reconhecida pelo seu testemunho.²⁹⁸

²⁹³ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 155-156

²⁹⁴ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 5,2,3.

²⁹⁵ *Ibid.*, 5,2,6.

²⁹⁶ Cf. *Ibid.*, 5,3,5.

²⁹⁷ Cf. *Ibid.*, 5,3,5.

²⁹⁸ Neste capítulo, como nosso objetivo principal é apresentar a centralidade de Cristo na espiritualidade teresiana e de como tal realidade incide na vida cotidiana daquele que ora, nos deteremos a apresentar apenas a virtude da caridade, crendo que, por hora, seja o suficiente para explicitar que, em Jesus Cristo e da cristificação da pessoa, todas as virtudes cristãs se tornam caminho para a Meta e ao mesmo tempo, meta deste Caminho.

6.3.2. A caridade orientada para Deus

Olhando para a vida de Jesus Cristo, podemos compreender que a vontade de Deus se manifestou na total entrega de amor pela humanidade. Logo, viver a caridade como mandamento fundamental do cristianismo, requer assumir todas as suas exigências, vivendo-a no realismo das obras de misericórdia cotidianas, até a entrega da vida pelos irmãos, conforme o fez Cristo. A doutrina teresiana sobre a caridade parte de um eixo fundamental: o amor de Deus – Cristo – que se manifestou à humanidade, trazendo a compreensão do imensurável amor do Criador por suas criaturas. Vejamos como Madre Teresa expressa esse entendimento²⁹⁹:

Ó esperança minha, meu Pai e Criador, verdadeiro Senhor e Irmão meu! Quando considero que dizeis que vossas delícias são com os filhos dos homens, muito se alegra minha alma. Ó Senhor do céu e da terra! Que palavras estas, para nenhum pecador desconfiar! Falta-Vos, porventura, Senhor, com quem Vos deleites, para buscardes um vermezinho tão malcheiroso quanto eu? A voz que se ouviu no Batismo disse que Vos comprazeis com vosso Filho. E haveremos de ser todos iguais, Senhor? Ó que grandíssima misericórdia, que favor tão imenso que não podemos merecer!³⁰⁰

Teresa ascendeu à contemplação do amor de Deus, a partir do mistério do Filho revelado e manifestado no tempo. De acordo com S. Castro, “[...] o amor ao Criador nasceu do amor ao Redentor, o amor a Deus nasceu do amor ao Homem Jesus Cristo”.³⁰¹ Assim, se deduz que a caridade teresiana deve ser entendida à luz da compreensão do amor de Deus, que se derramou em Jesus Cristo, revelado, principalmente, na Encarnação e na Paixão. Madre Teresa, contempla a vida de Cristo como ação amorosa de Deus em favor da humanidade.³⁰²

A partir de sua terceira conversão, Teresa crescerá em intimidade com o Senhor e isso fará com que o objeto de sua vontade se centre totalmente em Jesus Cristo. Assim, a caridade teresiana, permanecerá radicalmente orientada para Jesus Cristo. Tanto em *Castelo Interior ou Moradas* como em *Caminho de Perfeição*, nos descreveu o desenvolvimento da caridade como desenvolvimento de amor a Jesus Cristo. A doutrina teresiana leva às últimas consequências o

²⁹⁹ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 188.

³⁰⁰ SANTA TERESA, *Exclamações da alma a Deus*, 7,1.

³⁰¹ CASTRO, S., *op. cit.*, p. 189. [TN].

³⁰² Cf. *Ibid.*, p. 189.

primeiro mandamento de amar ao Senhor com todo o coração, com toda a alma e com toda a mente, centrando essas potências transformadas e purificadas em Jesus Cristo.³⁰³ A certeza do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, deve fazer com que nos abramos ao mesmo, praticando seus ensinamentos. Partindo desse entendimento sobre a caridade na doutrina teresiana, vejamos como nossa santa descreve o amor a Deus e ao próximo:

A meu ver, o sinal mais certo para verificar se guardamos essas duas coisas é a observância fiel do amor ao próximo. Com efeito, não é possível saber se amamos a Deus (embora haja grandes indícios para entender que O amamos); já o amor ao próximo pode ser comprovado. E convencei-vos: quanto mais praticardes este último, tanto mais estareis praticando o amor a Deus. Isso porque é tão grande o amor que o Senhor nos tem que, para recompensar aquele que demonstramos pelo próximo, faz crescer por mil maneiras o amor que temos a Ele. Disso não posso duvidar.³⁰⁴

Porém, também afirma:

É de grande importância estarmos muito atentas a isso. Se guardamos com perfeição o amor ao próximo, temos tudo feito. Pois creio que, sendo má a nossa natureza, só chegaremos a praticar com perfeição esse preceito se o amor ao próximo tiver como raiz o amor a Deus.³⁰⁵

Santa Teresa nos encaminha pelas vias da perfeita caridade. Uma caridade que nasce de Deus e derrama-se sobre cada criatura, que se reconhecendo amada, pode amar. Nossa santa doutora nos faz reconhecer, num ato de humildade que emerge da verdade de nossas misérias, que somente em Deus podemos amar e que para prosseguirmos na vivência de tão sublime virtude, não nos resta outro caminho que aquele de suplicar ao próprio Deus tamanha graça:

Pedi então a Nosso Senhor que vos conceda com perfeição o amor ao próximo e deixai-O agir em vós. Sua Majestade vos dará mais do que sabeis desejar, desde que vos esforceis e façais tudo o que puderdes para alcançar essa virtude. Forçai vossa vontade para que se faça em tudo a das irmãs, ainda que com prejuízo dos vossos direitos; esquecei o vosso bem pelo bem delas, por mais que nisso contrarieis a vossa natureza; e, havendo ocasião, procurai encarregar-vos do trabalho que pertencia a elas fazer. Não penseis que isso vos será fácil nem que o haveis de achar já feito. Olhai o que custou a nosso Esposo o amor que nos teve. Para nos livrar da morte, sofreu-a, e penosíssima, na Cruz.³⁰⁶

³⁰³ Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 191-192.

³⁰⁴ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 5,3,8.

³⁰⁵ *Ibid.*, 5,3,9.

³⁰⁶ *Ibid.*, 5,3,12.

Para J. Castellano, aqui está o sentido do processo de transformação em Cristo e dos efeitos que o acompanham. Se a caridade, afetiva e efetiva, se junta ao sentido apostólico e as atitudes de humildade, perseverança e fidelidade, temos então as características do “ser humano novo”, modelado segundo a imagem de Cristo, ainda em caminho de abertura para Deus.³⁰⁷ Será a experiência de comunhão com Cristo, em sua abertura à Trindade e em sua entrega à Igreja, que conformará o cristão com Cristo Crucificado em seu amor aberto para o Céu e para a Terra. Para santa Teresa não há maior graça que esta. Mesmo as altíssimas graças da vida espiritual, estão submetidas e essa³⁰⁸:

Sua Majestade não nos poderia fazer maior favor do que dar-nos uma vida que imite a de Seu Filho tão amado. Assim, tenho por certo que essas graças visam fortalecer a nossa fraqueza [...] para podermos imitá-Lo nos grandes sofrimentos. Temos visto sempre que aqueles que acompanharam Cristo Nosso Senhor mais de perto foram os que mais padeceram. Vejamos os sofrimentos de Sua gloriosa Mãe, bem como de seus santos apóstolos.³⁰⁹

A grandiosidade do cristianismo tem como ponto de referência Cristo Crucificado, imagem da “pessoa nova”, modelo do homem perfeito, daquele que quer ser verdadeiramente espiritual: “Ponde os olhos no Crucificado e tudo vos parecerá pouco. Se Sua Majestade nos mostrou o Seu amor com tão espantosas obras e sofrimentos, como quereis contentá-Lo só com palavras?”³¹⁰ Santa Teresa nos desafia, e então, repetimos seu “grito”: “Sabeis o que significa ser de fato espiritual? É fazer-se escravo de Deus, marcado com o Seu selo, o da Cruz. Assim nos poderá vender como escravos de todo mundo, como Ele próprio foi. Com isso não nos injuria, mas nos concede imensa graça”.³¹¹ O “*verbum crucis*” é a expressão definitiva da espiritualidade teresiana. Cristo Crucificado, o “verdadeiro espiritual”, em sua atitude de Servo do Senhor e dos homens. Assemelhar-se a Ele passa por essa oblação total, por essa pertença absoluta que tem como marca a Cruz, que abre o coração a um amor total ao Pai e a humanidade.³¹²

³⁰⁷ Cf. CASTELLANO, J. C., *Cristo imagen y camino del hombre nuevo*, p. 709.

³⁰⁸ Cf. *Ibid.*, p. 713.

³⁰⁹ SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,4,4-5.

³¹⁰ *Ibid.*, 7,4,8.

³¹¹ *Ibid.*, 7,4,8.

³¹² Cf. CASTELLANO, J. C., *op. cit.*, p. 714.

6.3.3. A caridade a partir de Cristo

Cristo é a morada onde o cristão reassume sua iniciação batismal e se une com Ele, através da vontade e de uma comunhão misteriosa que é oferecida como dom de Deus. No auge da vida espiritual, a presença do Ressuscitado abre o caminho de uma divinização que tem como pontos culminantes a visão da Trindade e o matrimônio espiritual. No entanto, tudo está finalizado à graça da conformação com o Crucificado. Sobre a base da criação e do batismo, o cristão que é morada de Deus, que está aberto à comunhão com Deus e está marcado com a imagem e semelhança de Cristo, pode ir desenvolvendo sua vida. Na oração buscará a Cristo como presença íntima e modelo, bem como a Palavra de Deus e a eucaristia, que o irão conformando, progressivamente, a Cristo. A ascese do seguimento e da imitação, o amor a Jesus Cristo cada vez mais puro em suas motivações, desembocam em uma consagração à vontade de Deus, expressa no amor ao próximo, caminho real para alcançar a perfeita união com o Senhor.³¹³

D. Maroto nos apresenta o trajeto do *Castelo Interior ou Moradas* dando ênfase as sétimas moradas, quando Madre Teresa apresenta aos seus leitores a finalidade de seu trajeto espiritual. Segundo o autor, nossa mística esforça-se para que compreendamos que o fim último desse percurso é a santidade, numa afirmativa teórica e testemunhal de que Deus existe e atua no ser humano para dignificá-lo, comunicando-lhe o seu próprio Ser, ou seja, divinizando-o.³¹⁴ Vimos até aqui que o “ser humano novo” nasce do encontro com Cristo, da cristificação da pessoa, do morrer para si deixando que Cristo viva. No cume desse processo, o amor ao próximo é a expressão máxima de uma alma que vive unida a Deus. D. Maroto nos diz:

Para ela, estar nas sétimas moradas não significa que tudo o que acontece nela corresponda a esse “estado” habitual: oração, contemplação, noites escuras, experiências da Trindade, de Cristo, etc. É possível e provável que uma pessoa que goze do matrimônio espiritual tenha que voltar a exercitar as virtudes mais elementares como a humildade, a paciência, a fortaleza, etc. O mesmo digamos da oração. Pode que necessite voltar a oração vocal ou a meditação.³¹⁵

E o autor continua:

³¹³ Cf. CASTELLANO, J. C., Cristo imagen y camino del hombre nuevo, p. 714-715.

³¹⁴ Cf. MAROTO, D. P., La vida en Cristo y seguimiento de su destino y misión: las moradas VII de Santa Teresa de Jesús, p. 670.

³¹⁵ Ibid., p. 674. [TN].

[...] a experiência mística, se é autêntica, é uma força interior que ajudará a levar a Cruz acompanhando o crucificado Jesus. O cristão santo, o místico autêntico, é o que acompanha Cristo ao Calvário. Por isso mesmo, não só segue ou imita a Cristo, mas cumpre seu próprio destino. O discípulo culmina sua vida no martírio cruento ou no martírio incruento de cada dia.³¹⁶

Madre Teresa é incansável em incentivar suas monjas a amar. Aponta para uma caridade palpável, vivida no dia a dia, segundo as possibilidades que o próprio Deus vai colocando em cada um. A vivência da caridade é uma autêntica prova da veracidade da experiência mística, pois, podemos dizer, que o encontro com Cristo Crucificado-Ressuscitado, de fato, é um encontro fecundo, que gera vida para quem ora e para todos os que estão ao seu redor. Da cristificação do homem vem a graça de um apóstolo descentrado de si, que se exercita diariamente no amor, eliminando o egoísmo e que, por amar a si mesmo de uma maneira cristã, deixa de lado a autoreferencialidade, para fazer da própria vida dom por toda a humanidade. Temos aqui uma nova criatura, capaz de amar o próximo não por aquilo que este faz ou possui, mas por aquilo que é, ou seja, por sua dignidade de filho de Deus, redimido por Cristo e, por isso, lhe oferece o melhor: a vida duradoura, a salvação obtida pelo Sangue de Cristo.

Em *Castelo Interior ou Moradas*, estamos diante de uma mulher no auge de sua experiência espiritual, que deseja viver para servir ao Esposo, para propagar o Reino de Deus: “[...] não quer morrer mas seguir vivendo para imitar totalmente o destino de Jesus, em sua missão apostólica, sua paixão, morte e ressurreição. E tudo isso para servir a seus irmãos até a morte”.³¹⁷ Consciente dessa necessidade de viver como viveu o Senhor, ensinará suas monjas a não sofrerem de duas tentações: a primeira, de quererem salvar o mundo, mas que se contentem com o que lhes for confiado por Deus³¹⁸; e a segunda, cuidando dos possíveis escrúpulos e frustrações de suas irmãs quando pensam nada estarem fazendo pelo Reino pelo fato de estarem na clausura, dirá:

A outra é que não podeis nem tendes como levar almas a Deus. De boa vontade o faríeis. Mas, não tendo de ensinar nem de pregar como faziam os apóstolos, não sabeis como agir. A essa objeção já respondi por escrito algumas vezes, talvez até neste Castelo. Mas, como creio ser coisa que vos passa pelo pensamento, tendo em vista os desejos que o Senhor vos concede, não deixarei de repeti-lo aqui. Já vos

³¹⁶ MAROTO, D. P., *La vida en Cristo y seguimiento de su destino y misión: las moradas VII de Santa Teresa de Jesús*, p. 676. [TN].

³¹⁷ *Ibid.*, p. 680. [TN].

³¹⁸ Cf. SANTA TERESA, *Castelo Interior ou Moradas*, 7,4,14.

disse em outra passagem que às vezes o demônio nos dá grandes desejos, para deixar de lado ocasiões de servir a Nosso Senhor em coisas viáveis e nos contentar privilegiando aquelas que são impossíveis. Não considerando que na oração ajudareis muito, não queirais beneficiar todas as pessoas. Concentrai-vos nas que estão em vossa companhia e, assim, será maior a obra, pois a vossa obrigação para com elas é muito maior. Julgais pequeno ganho abrasá-las a todas com o fogo da vossa grande humildade, da mortificação, do serviço a todas, de uma intensa caridade para com elas e do amor a Deus? Ou se, com as demais virtudes, as encherdes de estímulo? [...] Em suma, irmãs minhas, concludo dizendo que não edifiquemos torres sem alicerces, sólidos, porque o Senhor não olha tanto a grandeza das obras quanto o amor com que são realizadas.³¹⁹

Vemos que nossa santa doutora aponta para o amor como autenticidade do encontro com Cristo. Amor testemunhado na convivência fraterna, no cotidiano de seus mosteiros, no relacionamento entre suas monjas, sem pretensões de grandes e pomposas obras, pois ao Senhor, mais agrada o amor das pequenas atitudes que grandes construções que não tenham seu alicerce na caridade. Vemos ainda nossa santa Madre apontar para virtudes cristãs como sinais da caridade que trazemos no coração. Virtudes que expressam a intimidade com o Senhor ou que mostram o desejo de tal intimidade. Sinais externos que falam da busca do coração, que falam dos encontros com o Senhor e que podem ser um bálsamo para os irmãos e irmãs que estão ao nosso redor.

Viver nas sétimas moradas, no auge do caminho espiritual, é viver uma vida santa, abandonando o egoísmo e se entregando ao amor sem fronteiras em favor do próximo. Assim, estamos diante de místicos que conseguiram unir contemplação e ação, não só passando por tais moradas, mas vivendo nelas, em especial, vivendo na morada da santidade.³²⁰ Referindo-se a caridade, santa Teresa nos diz, junto com São João, que quem não ama o próximo, não ama ao Senhor:

Ó Jesus meu! Quão grande é o amor que tendes aos filhos dos homens, a ponto de o maior serviço que se pode fazer a Vós seja deixar-Vos por seu amor e lucro, situação em que sois possuído mais plenamente. Porque, embora não se satisfaça tanto a vontade em gozar, a alma se compraz em contentar a Vós, vendo que os gozos da terra são incertos, ainda que pareçam dados por Vós, enquanto vivermos nesta mortalidade, se não estiverem acompanhados do amor ao próximo. Quem não o amar não Vos ama, Senhor meu, pois vimos demonstrado com tanto sangue o amor tão grande que tendes aos filhos de Adão.³²¹

³¹⁹ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,4,14-15.

³²⁰ Cf. MAS ARRONDO, A., *Acercar el cielo*, p. 247-248.

³²¹ SANTA TERESA, *Exclamações da alma a Deus*, 2,2.

Vemos mais uma vez Madre Teresa afirmando a necessidade absoluta do amor ao próximo, sempre em função do amor a Cristo. A raiz última desta necessidade absoluta de amor ao próximo para viver o cristianismo, se encontra em Jesus Cristo que derramou seu sangue por todos. O amor ao próximo está inserido na experiência de Cristo. A autenticidade deste amor está vinculada a purificação da vontade, para que o amor de caridade não seja confundido com um amor desordenado por si mesmo. A vontade do cristão deve pertencer a Jesus Cristo, Ele é seu dono e Senhor, por isso, todas as suas orações e ações devem estar dirigidas a Ele. A perfeição cristã, para Madre Teresa, está na união de nossa vontade com a de Deus, com a de Jesus Cristo, que é a expressão existencial da vontade divina. Jesus Cristo é o modelo de nosso amor ao próximo. O próximo deve ser amado porque pertence a Jesus Cristo, porque nele vive Jesus Cristo.³²²

Conhecedora da alma humana, Madre Teresa nos fala de duas classes de amores lícitos ao próximo: o amor sensível-espiritual e o amor puramente espiritual. O primeiro não se fixa apenas nos bens espirituais, mas também se apoia em qualidades corporais ou psicológicas. Santa Teresa sabe que é através destas qualidades que muitas pessoas chegarão ao amor espiritual, que é o verdadeiro amor. Vejamos o que nos diz:

É coisa estranha o amor, que custa tantas lágrimas, tantas penitências e orações, tantos cuidados de encomendar o amigo às orações de todos os que possam valer junto a Deus! Há um desejo permanente de vê-lo beneficiar-se, e um descontentamento quando isso não acontece. Quando, julgando melhorar, vê que ele retrocede um pouco, parece que o prazer da vida lhe fugiu: não come nem dorme, cuidando apenas disso, sempre temendo que a alma a quem tanto quer venha a se perder, afastando-se para sempre. A morte corporal pouco lhe importa, visto não querer apegar-se a algo que, com um sopro, lhe é arrancado das mãos sem que nada se possa fazer. É, como eu disse, um amor sem pouco nem muito interesse próprio. Tudo o que se deseja e quer é ver a alma amada plena de bens celestes. Isso é amor, não o sendo o “querer” daqui da terra, esses amores desastrosos do mundo – e nem falo dos maus. Desses, Deus nos livre.³²³

Exorta-nos a um amor como o de Cristo: desinteressado e total. Porém, compreende que o amor sensível pode ser um instrumento para se adquirir um amor mais puro, ao que chama de espiritual. O amor espiritual não é um amor impessoal, abstrato ou etéreo, pelo contrário, ama-se a pessoa por aquilo que nela existe de mais valioso:

³²² Cf. CASTRO, S., *Cristologia teresiana*, p. 209-210.

³²³ SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 7,1.

Pode parecer que pessoas assim não amam ninguém, nem o sabem, senão a Deus. Afirmo que elas amam sim, e muito mais, com um amor mais verdadeiro, com mais paixão e um amor mais proveitoso; enfim, com amor. E essas almas sempre cuidam mais de dar muito do que de receber; mesmo diante do Criador agem assim. Isso merece o nome de amor, que tem sido usurpado por outras afeições baixas.³²⁴

Santa Teresa apresenta o amor espiritual como o verdadeiro amor por se assemelhar ao amor que Jesus Cristo teve pela humanidade e porque, com esse amor, ama-se Cristo no próximo. Devemos amar nossos semelhantes por aquilo que neles há de divino, isto é, a imagem de Cristo. Este amor límpido, desinteressado, que emana por ver Cristo no outro, recai sobre a pessoa inteira, amando nela tudo o que há de bom, de belo e louvável. Um amor que se torna possível na medida em que, pela graça de Deus, o “velho homem” vai dando lugar à “nova criatura”. Mesmo entre tantas fraquezas, vai despontando a força de Deus. E, mesmo que esse amor também recaia sobre as qualidades corporais e psicológicas do próximo, já não serão estas qualidades o veículo através do qual a alma encontra o amor espiritual, mas será a visão de Cristo no outro que nos induz e conduz a amá-Lo em todo o homem, já que toda a pessoa foi redimida e exaltada nele.³²⁵

Madre Teresa compreende que Cristo é o modelo ideal da virtude da caridade, ou melhor, a própria caridade de Deus, que mora em nosso coração, em nosso espírito. Desta sua habitação, vai transformando todas as potências rumo a um amor puramente espiritual. Assim, até que a vontade não esteja de todo purificada, é impossível que a pessoa chegue à plenitude do amor. Vemos então, o porquê, de santa Teresa insistir tanto na vida de oração, já que é a oração que vai transformando-nos em Cristo. A ética teresiana do amor ao próximo é a manifestação de sua mística, isto é, que a pessoa chegue a ter os mesmos sentimentos que teve Jesus.³²⁶

Diante da doutrina teresiana, podemos olhar para toda a história da Igreja e perceber como Cristo vem reconhecido e vivido por tantos ao longo dos séculos. São Clemente I nos aponta que a caridade de Deus, poderá ser testemunhada por aqueles que tem a caridade em Cristo, que cumprem seus mandamentos, ou seja,

³²⁴ SANTA TERESA, Caminho de Perfeição, 6,7.

³²⁵ Cf. CASTRO, S., Cristologia teresiana, p. 210.

³²⁶ Cf. Ibid., p. 210-212.

que são identificados pelo amor que os une a Deus e aos semelhantes. Quando escreve a carta aos coríntios, ainda no primeiro século da Igreja, nos dirá:

A caridade cobre uma multidão de pecados, a caridade tudo suporta, tudo tolera com paciência. Não há nada de sórdido nem de soberbo na caridade. A caridade não tolera a divisão, não provoca revolta. A caridade tudo faz na concórdia. Na caridade todos os eleitos de Deus são perfeitos. Sem a caridade nada é aceito por Deus. Na caridade Deus nos assumiu para si. Pela caridade que tem para conosco, nosso Senhor Jesus Cristo, obediente à vontade divina, por nós entregou o seu sangue, a sua carne, por nossa carne, a sua alma, por nossa alma.³²⁷

Somente Deus é capaz de tornar o homem digno da caridade, digno do amor. Precisamos clamar ininterruptamente pela misericórdia de Deus, para que estejamos na caridade, sem estarmos presos aos interesses puramente humanos. O que vemos no início da Igreja, reencontramos em Madre Teresa e, como vimos na primeira parte de nossa pesquisa, encontramos também em santo Aníbal Maria: um homem que, transformado pelo amor de Cristo, assumiu para sua vida os sentimentos do Coração do Senhor, e passou seus dias, conforme o Mestre, fazendo o bem, amando, entregando toda a sua existência pela vida de seus semelhantes.

Prossequiremos em nossa pesquisa olhando para algumas particularidades da espiritualidade teresiana, que nos ajudam a reconhecer, com maior clareza, o encontro entre nossos dois santos fundadores: santa Teresa de Jesus e santo Aníbal Maria. No próximo capítulo, veremos o amor a eucaristia, a Maria e aos sacerdotes, a partir da espiritualidade teresiana.

³²⁷ SÃO CLEMENTE I, Da carta aos Coríntios: quem poderá falar sobre o vínculo da caridade de Deus?, p. 498.